

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Amanda do Prado Ferreira Cezar

**PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS COM O ESTUDANTE DA
EDUCAÇÃO SUPERIOR: DESAFIOS DO APRENDER**

**Santa Maria, RS.
2016**

Amanda do Prado Ferreira Cezar

**PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS COM O ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: DESAFIOS DO APRENDER**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação.**

Orientadora: Prof^a Dr^a. Sílvia Maria de Oliveira Pavão

Santa Maria, RS
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cezar, Amanda do Prado Ferreira
PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS COM O ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: DESAFIOS DO APRENDER / Amanda do Prado
Ferreira Cezar.- 2016.
123 p. ; 30 cm

Orientadora: Sílvia Maria de Oliveira Pavão
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2016

1. Aprendizagem 2. Psicopedagogia 3. Educação Superior
4. Educação Especial 5. Dificuldades de aprendizagem I.
Pavão, Sílvia Maria de Oliveira II. Título.

AMANDA DO PRADO FERREIRA CEZAR

**PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS COM O ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO
SUPERIOR: DESAFIOS DO APRENDER**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Aprovado em 24 de junho de 2016.

Sílvia Maria de Oliveira Pavão, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Iara Caierão, Dra. (UPF)

Fabiane Adela Tonetto Costas, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial, a meu esposo que foi forte e soube suportar a minha ausência e dos nossos filhos na mudança de cidade para que meu sonho fosse realizado. Gostaria de dedicar essa dissertação, também, à minha querida mãe Jandira que é minha fonte de inspiração, soube nos encaminhar com educação e honestidade na minha trajetória de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por abençoar-me em todos os momentos da minha vida, dando-me força e sabedoria para superar os momentos difíceis;

À minha orientadora Profa. Dra. Sílvia Pavão, pela paciência e dedicação, que de forma muito carinhosa contribuiu para a realização deste sonho. Agradeço também essa compreensível orientadora que, de maneira prática, paciente e inteligente soube conduzir seus trabalhos de orientação.

Em especial gostaria de agradecer meu marido Rafael, meus filhos João Pedro e Davi por abdicarem de vários momentos de lazer para estar ao meu lado apoiando-me. Obrigada pela paciência, dedicação, respeito e pelo seu amor.

À minha família pelo amor e união, minha sogra, meu sogro e minha cunhada que nunca mediram esforços em apoiar-me para que eu pudesse atingir meus objetivos.

À minha irmã Aline do Prado Ferreira, pela parceria nos trabalhos, trocas de experiências, sempre me apoiando e incentivando com o seu amor e profissionalismo;

À todos os amigos que conquistei nessa trajetória acadêmica, pelo companheirismo, especialmente minhas amigas Cristina Kologeski Fraga e Morgana Christmann pelo apoio, que essa amizade se estenda ao longo de nossas vidas.

Às professoras Dra. Fabiane Bridi; Dra. Fabiane Costas; Dra. Iara Caierão por suas valiosas contribuições a essa dissertação.

A todos os professores da Universidade Federal de Santa Maria, que contribuíram para minha formação;

Aos sujeitos participantes da pesquisa, o meu muito obrigada!

O conhecimento requer disciplina! O conhecimento é uma coisa que exige muitas coisas de nós, que nos faz sentir cansados, apesar de felizes.

(FREIRE & SHOR, 2002, p. 101).

RESUMO

PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS COM O ESTUDANTE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: DESAFIOS DO APRENDER

AUTORA: Amanda do Prado Ferreira Cezar
ORIENTADORA: Sílvia Maria de Oliveira Pavão

A presente dissertação é oriunda de uma pesquisa que teve como objetivo geral conhecer o impacto e as contribuições da intervenção de uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar na Universidade Federal de Santa Maria. Visou ampliar, também, o conhecimento acerca da Educação Especial no contexto do Ensino Superior com o intuito de contribuir com o processo de aprendizagem dos estudantes com e sem deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem ou não, mas que necessitam de serviços de apoio para que sejam bem sucedidos em sua vida acadêmica; ainda intencionou apresentar a constituição e funcionamento de uma equipe psicopedagógica no Ensino Superior, a fim dar visibilidade às contribuições das práticas decorrentes da atuação dessa equipe. O embasamento teórico fundamenta-se nos estudos da Psicopedagogia e Educação Especial. Do ponto de vista metodológico, caracteriza-se como um estudo qualitativo do tipo etnográfico decorrente das observações da pesquisadora no espaço de pesquisa, no Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação da Universidade Federal de Santa Maria onde atuam 15 profissionais, os quais foram sujeitos da pesquisa. Para tanto o instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada que se fundou em depoimentos estudados por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Ao analisar as entrevistas, identificaram-se as seguintes categorias: aprendizagem/autonomia, dificuldade de aprendizagem/necessidades especiais, equipe psicopedagógica interdisciplinar/apoio, colaboração e permanência dos estudantes. As dificuldades de aprendizagem e as necessidades especiais aparecem como fator relevante para a evasão do curso e até mesmo da universidade independente do estudante ter deficiência ou não. Diante disso, concluiu-se com esta pesquisa a importância de uma equipe composta por diferentes profissionais capazes de promover intervenções eficientes, apoio aos professores e coordenadores visando a permanência e a qualidade da aprendizagem dos estudantes do Ensino Superior.

Palavras-chave: Aprendizagem. Psicopedagogia. Ensino Superior. Educação Especial. Dificuldades de Aprendizagem.

ABSTRACT

PSYCHOPEDAGOGICAL PRACTICES WITH HIGHER EDUCATION STUDENTS: LEARNING CHALLENGES

AUTHOR: Amanda do Prado Ferreira Cezar

ADVISOR: Sílvia Maria de Oliveira Pavão

This dissertation is derived from a research that aimed to know the impact and contributions of the intervention of a Psycho-Pedagogical Interdisciplinary Team at the Federal University of Santa Maria. It also aimed to widen the knowledge of Special Education in the context of Higher Education in order to contribute to the learning process of students with and without disabilities and/or learning disabilities, but who need support services to be successful in their academic life. Furthermore, it aimed to present the constitution and functioning of a psycho-pedagogical team in Higher Education in order to give visibility to the contributions of the practices arising from the performance of this team. The theoretical background is based on the studies of Psychopedagogy and Special Education. From a methodological point of view, it is characterized as an ethnographic qualitative study from observations of the researcher in the research space, the *Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação* in the Federal University of Santa Maria, where there are 15 professionals, who were subjects of research. Therefore, the instrument employed was a semi-structured interview that was based on testimony studied through content analysis proposed by Bardin. By analyzing the interviews, we identified the following categories: learning/autonomy, learning difficulties/special needs, interdisciplinary pedagogical team/support, collaboration and permanence of students. The learning difficulties and special needs appear as a relevant factor for leaving the course and even the university apart from the students having a disability or not. Therefore, we emphasize the importance of a team of different professionals able to promote effective interventions, support teachers and coordinators aiming at the permanence and the quality of learning of Higher Education students.

Keywords: Learning. Psychopedagogy. Higher Education. Special Education. Learning Difficulties.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Universo da pesquisa	43
Figura 2 – Categorias	48
Figura 3 – Universidade Federal de Santa Maria. Núcleo de Acessibilidade e Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação, Prédio 67.....	51
Quadro 1 – Denominação dos respondentes da pesquisa por categoria profissional da equipe e suas respectivas siglas.....	46
Quadro 2 – Função desempenhada por Profissionais Psicopedagogos (Pp) e atuação profissional, segundo a visão dos sujeitos entrevistados.....	56
Quadro 3 – Função desempenhada por quem segue a carreira de Educador Especial (Ee) atuação desse profissional, segundo a visão dos sujeitos entrevistados.....	59
Quadro 4 – Função desempenhada por quem segue a carreira de Psicólogo (PS) e, como é a atuação desse profissional no núcleo, segundo a visão dos sujeitos entrevistados.....	61
Quadro 5 – Função desempenhada por quem segue a carreira de Fonoaudiólogo (F) e atuação desse profissional, segundo a visão dos sujeitos entrevistados.....	63
Quadro 6 – A importância do trabalho em equipe, segundo os sujeitos participantes.....	74
Quadro 7 – Devolutiva dos profissionais da equipe para os estudantes atendidos.....	76
Quadro 8 – Estratégias utilizadas pela equipe do setor para que o estudante não abandone o tratamento.....	81
Quadro 9 – As principais causas de evasão no Ensino Superior segundo os profissionais entrevistados.....	83
Quadro 10 – Reprovações e adequação dos estudantes ao contexto universitário segundo os profissionais entrevistados.....	85
Quadro 11 – Sentimentos dos membros da Equipe que trabalha com Práticas Psicopedagógicas em relação aos alunos com dificuldades de aprendizagens, deficientes ou não.....	95
Quadro 12 – Valores práticos.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS

DCM	Disfunção Cerebral Mínima
PNE	Plano Nacional de Educação
SISU	Sistema de Seleção Unificado
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
ONU	Organização das Nações Unidas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
MEC	Ministério da Educação e Cultura
CORDE	Coordenação Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
SEESP	Secretaria da Educação Especial
CONADE	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
LIBRAS-	Língua Brasileira de Sinais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	111
Anexo B – Termo de Confidencialidade.....	114

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de entrevista direcionado ao profissional da Psicopedagogia.....	116
Apêndice B - Roteiro de entrevista direcionado ao profissional da Fonoaudiologia.....	117
Apêndice C - Roteiro de entrevista direcionado ao profissional da Educação Especial.....	118
Apêndice D - Roteiro de entrevista direcionado ao profissional da Psicologia.....	119
Apêndice E - Roteiro de entrevista direcionado ao profissional da Pedagogia....	120
Apêndice F - Roteiro de entrevista direcionado ao profissional da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais.....	121

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	16
1 A PSICOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES	21
1.1 APRESENTANDO OS TERMOS.....	21
1.2 A PSICOPEDAGOGIA COMO ÁREA INTERDISCIPLINAR.....	26
2 ATUAÇÃO DA EQUIPE PSICOPEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR	30
2.1 CONSTITUIÇÃO DO TRABALHO EM EQUIPE: A FORMAÇÃO DO GRUPO.....	31
2.2 A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NO TRABALHO EM EQUIPE.....	34
3 EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, VALORIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA E CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA ÁREA	37
4 MÉTODO DA PESQUISA	43
4.1 CARACTERIZAÇÃO E TIPO DE ESTUDO.....	44
4.1.1 Sujeitos da Pesquisa	45
4.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	46
4.2.1 Procedimentos	47
4.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	47
4.4 QUESTÕES ÉTICAS.....	49
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
5.1 O ESPAÇO DE PESQUISA: NÚCLEO DE APOIO À APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO.....	51
5.2 DISCUSSÃO DOS DADOS DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR.....	55
5.2.1 Aprendizagem: Autonomia	55
5.2.2 Dificuldades de Aprendizagem: Necessidades Especiais	58
5.2.3 Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar: apoio/colaboração; permanência dos estudantes	62
5.2.4 Reprovações e Adequação ao contexto universitário:	84
5.2.5 Relação família e docentes:.....	85
5.3 EQUIPE INTERDISCIPLINAR: DOS VALORES DO EGO AOS VALORES PRÁTICOS.....	97
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	110
APÊNDICES	115

APRESENTAÇÃO

Para abordar minha afinidade com o tema de pesquisa, busco inspiração em Freire (2011), mais especificamente, no texto intitulado: *A importância do ato de ler*. Nesse texto, Freire relê momentos fundamentais de sua prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de sua infância em que a compreensão crítica do ato de ler foi se constituindo no citado educador.

Como Freire (2011), permito-me discorrer sobre a escolha da temática de pesquisa a partir de minha experiência existencial. Nesse sentido, rememorando a trajetória pessoal, consigo lembrar que desde criança já demonstrava o interesse pela área da Educação. Nas brincadeiras infantis, sempre havia alunos, quadro, giz, folhas e canetas. Esses eram os meus brinquedos, ou melhor, os meus “instrumentos de trabalho”.

Ficava muito claro para minha família que eu, ainda menina, seria professora, pois era notória a afinidade precoce pela Educação e o prazer de ensinar e aprender. Exemplo disso era que queria até os cachorros assistindo minhas “aulas”. Estes eram os alunos da “professora Amandinha” e, era para eles que eu ensinava o alfabeto, os números, enfim, quando faziam muita bagunça, chamava a atenção dos meus “alunos”. Chamava a responsável para a reunião escolar (no caso, era minha mãe Jandira, uma pessoa humilde, honesta e guerreira, que lavava roupas para fora para dar alimentação e educação para seus filhos).

Escrevia bilhete para a responsável de meus alunos informando o comportamento dos mesmos em sua classe e comunicando o dia de reunião escolar. Mesmo entendendo ser uma brincadeira, minha mãe sempre interagiu e nunca me desmotivava. Comparecia às “reuniões” e como boa mãe, mencionava que chamaria a atenção de “seus filhos” pelo mau comportamento. Enfim, dessa forma alimentando e apoiando o meu sonho.

Com treze anos de idade ministrava aulas particulares para crianças vizinhas. Interessei-me pela Educação Especial quando conheci um surdo e comecei a frequentar uma oficina de Libras (Língua Brasileira de Sinais) em uma Escola para Surdos. Esse amigo surdo fez com que eu me apaixonasse cada vez mais pela Libras. Desse modo, não tive dúvida alguma que minha carreira acadêmica seria na Educação Especial.

Quando completei 15 anos de idade, ingressei no Magistério do Ensino Médio, concluindo-o com 18 anos. Essa foi então minha primeira formação profissional na área da Educação.

Sendo assim, não foi surpresa para a minha família quando ingressei no curso de Formação para Professores, seguindo na graduação em Pedagogia, Capacitação e Especialização em Docência em Libras Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Além disso, ministro cursos e participo de projetos nessa área desde a graduação. Eu não poderia ter feito outra escolha. A partir disso, minha vida profissional esteve voltada para área Educacional.

Foi assim que, em 2013, realizei um trabalho como psicopedagoga voluntária no Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação (Ânima) na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Por acreditar na importância desses serviços ofertados, tive interesse no aprofundamento dos estudos acadêmicos nesse núcleo e nessa Universidade. Por isso, em 2014, candidatei-me a uma vaga no Mestrado em Educação na UFSM, na linha Educação Especial e Psicopedagogia no Ensino Superior e fui aprovada.

Atualmente realizo meu grande sonho profissional no curso de Mestrado em Educação Especial, “[...] em consonância com a minha forma de ser e com o que posso fazer” (FREIRE, 2011, p. 31), por acreditar que é através da educação que podemos fazer a diferença na vida das pessoas que temos a oportunidade de trabalhar no processo de ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da Educação Especial no Ensino Superior vem ganhando espaço na academia, em consequência da notável necessidade de ultrapassar barreiras que estão além das adaptações físicas e arquitetônicas nesta modalidade de ensino, por isso o enfoque desta pesquisa se estrutura no processo de inclusão dos estudantes, com e sem deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem. Aborda, ainda, o que a universidade oferece em termos de práticas que contribuem com a permanência dos sujeitos públicos da Educação Especial ou não nesse contexto.

O estudo parte do princípio de que a Educação Especial apoia os processos de aprendizagem dos sujeitos com deficiência física, sensorial, intelectual, mental ou múltipla, assim como também apresentando características como altas habilidades, superdotação e talentos, sendo esta uma modalidade que perpassa os diversos níveis de ensino. O profissional da Psicopedagogia identifica as dificuldades e os transtornos que impedem o estudante de assimilar o conteúdo ensinado e, a partir disso, promove intervenções no processo de aprendizagem, juntamente com os outros profissionais que favorecem a constituição de novos modos de perceber as próprias funções da aprendizagem na vida humana e sua importância na compreensão da diferença.

Dessa forma, discorrer sobre a qualidade da Educação Superior demanda compreender o sistema educativo. No Brasil, o fracasso escolar era entendido como uma patologia de origem orgânica dificultando a aprendizagem dos sujeitos. A partir dos anos de 1970, acreditava-se que os problemas de aprendizagem da maioria dos alunos ocorriam devido a uma disfunção neurológica não detectável em exame clínico intitulado “disfunção cerebral mínima” ou DCM (GRASSI, 2009).

Já na década de 1980, sob a influência de pesquisas com ênfase na psicologia escolar, o insucesso escolar passou a ser entendido a partir de um olhar sociopolítico onde se considerava que as causas dos problemas de aprendizagem estariam na dificuldade do sujeito em se adaptar à cultura escolar, bem como situações de âmbito familiar (GRASSI, 2009).

A área de estudos da psicopedagogia teve início a partir dessa visão sociopolítica que traz uma nova perspectiva para as intervenções, a fim de sanar as dificuldades que causam obstáculos para o processo de aprendizagem (GRASSI, 2009). Assim, a psicopedagogia é uma área que vem ganhando espaço também nos

outros níveis de ensino, que por sua vez, tem um papel fundamental no Ensino Superior.

É importante ressaltar que a Educação Especial na Educação Superior é direito fundamental dos estudantes com deficiência. Assim, entende-se que uma pessoa com deficiência pode ter ou não comprometimentos em seus processos cognitivos associados à aprendizagem, entretanto, tais processos devem ser trabalhados em um plano eficaz de intervenção.

Nesse contexto, é imprescindível compreender que o público-alvo da Educação Especial no âmbito educacional é passível de ter seus efeitos minimizados a partir de um processo mediador eficiente oferecido por uma equipe psicopedagógica interdisciplinar.

As dificuldades de aprendizagem nem sempre estão associadas a uma deficiência, podendo ocorrer com alunos que, durante a sua trajetória acadêmica, carecem de atenção, em relação aos aspectos emocionais e cognitivos. Diante dessa demanda no Ensino Superior, faz-se necessário repensar nas práticas vigentes, proporcionando um ensino de qualidade.

No contexto da pesquisa apresentada, é importante mencionar que o Sistema de Seleção Unificada (SISU) é uma ferramenta pela qual as instituições de Ensino Superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Esta forma de seleção nacional contribui para o aumento de matrículas do público da Educação Especial no Ensino Superior, visto que a partir de sua implementação, qualquer aluno com deficiência de diversas regiões do país que tenha realizado o Enem, pode concorrer às vagas disponibilizadas pelas universidades, por meio de cotas para deficientes.

O processo seletivo do SISU é realizado duas vezes ao ano, sempre no início do semestre letivo. A inscrição é gratuita, em uma única etapa e é realizada pela internet. A cada edição, as instituições públicas de Ensino Superior que optam por participar do SISU ofertam vagas em seus cursos. Ao final do período de inscrições, os melhores candidatos classificados são selecionados dentro do número de vagas ofertadas.

Cabe destacar, também, que o Plano Nacional de Educação (PNE) é um documento com metas e diretrizes de políticas públicas para educação. Dentre as metas e diretrizes apresentadas no PNE, destaca-se a qualidade no Ensino Superior e a superação de desigualdades educacionais. Tais políticas implementadas pelo

Governo Federal de acesso ao Ensino Superior, têm como objetivo ampliar o nível de escolarização da população (BRASIL, 2014).

O presente estudo se inscreve a partir de práticas de uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar de um Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que visa à permanência dos sujeitos com e sem deficiência e/ou com dificuldades de aprendizagem no Ensino Superior.

A presença do crescente número de estudantes com e sem deficiência e/ou com dificuldades de aprendizagem ou não, mas que necessitam de serviços de suporte para que alcancem seus objetivos na vida acadêmica na Educação Superior, demonstra a importância da atuação de uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar na contribuição do processo de aprendizagem desses sujeitos.

Assim, para que a inclusão aconteça como se propõe e não reforce o sentimento de exclusão do “incluído” ou do sujeito que, no decorrer de sua formação, necessite apoio de algum profissional da Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar, é fundamental que a Universidade e toda sua comunidade compreendam o conceito de diferença e deficiência. Portanto, inclusão é um termo que expressa compromisso com a educação de cada sujeito, elevando seu potencial, desenvolvendo-o de maneira apropriada.

Em relação ao estado da arte, foi realizado um levantamento de teses e dissertações no portal eletrônico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e no portal eletrônico da biblioteca da Universidade Federal de Santa Maria, com o intuito de localizar pesquisas que se referem à Psicopedagogia no Ensino Superior nos últimos quatro anos (2012 a 2015), para contemplar o período do quadriênio que equivale ao período de avaliação da Capes onde os programas de pós-graduação são avaliados a cada quatro anos. O objetivo desta avaliação é garantir e manter a qualidade dos cursos de Mestrado e Doutorado no país. Para tanto, foi utilizado os seguintes descritores: Psicopedagogia, Ensino Superior, Dificuldades de Aprendizagem e Educação Especial.

No acervo da UFSM não foi localizado nenhuma dissertação que contemplasse essa pesquisa enquanto que, no portal da Capes, foi localizada uma dissertação, intitulada “Estudantes Universitários com Dificuldades de Aprendizagem: como motivá-los?” (GOMES, 2012). Essa dissertação apresentou

como objetivo geral identificar e analisar as evidências da falta de motivação para o aprender dos estudantes universitários com dificuldades de aprendizagem, com a intenção de desenvolver estratégias de intervenção que possam levá-los ao melhor nível de aprendizagem. O embasamento teórico se fundamentou nos estudos da Psicopedagogia, por isso, estabelece relações com a presente pesquisa.

A partir desse levantamento bibliográfico, foi possível verificar um baixo número de produções apresentadas nos últimos quatro anos referentes às práticas psicopedagógicas voltadas para os estudantes do Ensino Superior, fato que torna esta pesquisa relevante e pertinente diante da atual realidade educacional.

A pesquisa que originou essa dissertação teve como objetivo geral conhecer o impacto e as contribuições da intervenção de uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar na Universidade Federal de Santa Maria, visando ampliar o conhecimento acerca da Educação Especial no contexto do Ensino Superior.

Diante desse cenário, visou, ainda, alcançar os seguintes objetivos específicos: apresentar as contribuições da Equipe que trabalha com práticas psicopedagógicas que atende aos universitários com deficiência ou não e dificuldades de aprendizagem; identificar, por meio das reuniões que o núcleo faz com professores e coordenadores, as especificidades e as possibilidades de interação entre professor, estudante e universidade no contexto acadêmico, no que tange as práticas psicopedagógicas; descrever a realidade de aprendizagem dos estudantes em atendimento pelo Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação e; caracterizar o funcionamento de uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar.

Iniciada a discussão sobre as práticas de apoio visando à permanência dos estudantes na Educação Superior e para alcançar os objetivos acima, essa dissertação reuniu os assuntos conforme descritos na sequência.

Nesta introdução, pontua-se uma identificação do trabalho a partir das ideias que transcorre a dissertação, referindo uma breve sinopse dos subtemas abordados nos vários capítulos. Enquanto que a afinidade com o tema está descrita precedentemente, na apresentação dessa dissertação.

O primeiro capítulo discorre sobre Psicopedagogia e suas Contribuições, propondo uma aproximação do tema através da história da Psicopedagogia e sua chegada ao Brasil.

O segundo capítulo aborda a atuação da Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar, apresenta a importância do trabalho em equipe à necessidade de intervenções em grupo e tematiza a interdisciplinaridade nesse contexto.

O terceiro capítulo trata da Educação Especial, busca revisar conceitos, apresentar a história da Educação Especial no Brasil e elucidar propostas de ensino, com vistas à inclusão na Educação Superior.

O quarto capítulo contempla a construção metodológica da pesquisa, apresenta o caminho percorrido na execução, o campo e os sujeitos desta pesquisa.

O quinto capítulo é dedicado à exposição dos resultados da pesquisa, com ênfase aos relatos dos sujeitos participantes e buscando discutir as respostas aos objetivos propostos.

Na conclusão são tecidas reflexões a respeito da investigação tendo como fio condutor da escrita os objetivos pautados. Do mesmo modo, a conclusão apresenta sugestões, a partir da pesquisa realizada, para repensar, num movimento constante e necessário, a prática psicopedagógica nesse espaço.

1 A PSICOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

A Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), apresenta a Psicopedagogia, no artigo 1º como sendo: um campo de atuação em saúde e educação que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da psicologia. Já, em seu artigo 3º, explicita que o trabalho Psicopedagógico é de natureza clínica e institucional de caráter preventivo e/ou remediativo. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDGOGIA, 1996).

A psicopedagogia como área ou campo de estudo surgiu com o objetivo de contribuir na busca de soluções para questões relacionadas aos problemas de aprendizagem. Dessa forma, a importância da área se caracteriza por aprofundar seus aportes teóricos e técnicos ampliando a visão do saber sobre a aprendizagem. Sendo assim, esse capítulo aborda sobre a Psicopedagogia e suas contribuições, e propõe uma aproximação do tema através da história da chegada da Psicopedagogia ao Brasil. Antes disso, porém, é imprescindível elucidar termos como deficiência, dificuldades e distúrbios de aprendizagem, pois são questões que perpassam a atuação psicopedagógica.

1.1 APRESENTANDO OS TERMOS

Tendo como foco de pesquisa a inclusão de pessoas com e sem deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem ou não, a apresentação dos termos se torna essencial, tendo em vista que propicia o conhecimento e diminui as possibilidades de não cairmos em interpretações equivocadas e preconceituosas. Exemplo disso, quando alguém se refere de maneira errônea ao 'portador de deficiência', ou a dificuldade de aprendizagem e distúrbio de aprendizagem, enquanto que nem toda a pessoa com deficiência possui dificuldades de aprendizagem. Contudo essas questões confundem os leigos e podem levar o mau uso dos termos, por isso, passemos a elucidá-los nas linhas a seguir.

Por muitas décadas, acreditou-se que os sujeitos aprendiam de forma única, que poderia e deveria ser generalizada a todos, com exceção daqueles que, por

apresentarem transtornos de personalidades, limitações cognitivas, físicas, sensoriais e mentais, não aprendiam nada além do que sua deficiência permitisse.

Pensar o conceito de aprendizagem no contexto inclusivo nos remete a compreender a possibilidade de conviver com a surpresa. Kupfer (1999, p.65) explica que “estilos cognitivos de aprendizagem é poder ver cada aluno na forma particular em que ele se apresenta no mundo da escola”. Essa ideia de aprendizagem é compreendida no sentido de transmissão de conhecimentos formais, na relação com conteúdos e atividades escolares, a fim de perceber o modo como cada aluno obtém o conhecimento.

Quando se associa a aprendizagem às necessidades apresentadas diante dos contextos educacionais e de ensino-aprendizado, demandando algum cuidado, apoio e direcionamentos para completar as atividades intencionais deparam-se com as Necessidades Educacionais Especiais. A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) define as Necessidades Educacionais Especiais em função da deficiência ou de dificuldades de aprendizagem. O conceito de Deficiência foi apresentado pelo Decreto 3.298/99, art. 3º - I- “toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gera incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano” (BRASIL, 1999).

O termo Pessoa com Deficiência foi aprovado pela convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidades das Pessoas com Deficiência, pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2006, e ratificada no Brasil em julho de 2008. O Estatuto da Pessoa com Deficiência em seu artigo 2º (BRASIL, 2006, p.3), considera:

[...] restrição física, intelectual ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária e/ou remuneradas, causada pelo ou agravada pelo ambiente econômico e social, dificultando sua inclusão social.

Nesse sentido, entende-se que as pessoas com deficiência podem ou não apresentar as “necessidades educacionais especiais”. (BRASIL, 2008).

Atualmente, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), demonstra a preocupação com a promoção e respeito aos direitos fundamentais da pessoa com deficiência,

garantindo assim a não discriminação. Esta lei apresenta no artigo 2º (2015, p.10) a pessoa com deficiência sendo:

[...] aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Existem situações que podem levar o aparecimento de necessidades educacionais especiais em pessoas que não tem deficiência, mas que merecem atenção especial para adaptações e a utilização de recursos, de conhecimentos e de serviços especiais.

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino superior requer medidas que facilitem e auxiliem a concretização desse processo, como: formação continuada de professores, produção e adequação de recursos pedagógicos, assessoria psicopedagógica, adaptação do currículo, bem como a reflexão de todos os envolvidos no processo educativo torna-se necessário a criação de comissões ou núcleos na própria instituição responsáveis pelo desenvolvimento de ações que propiciem a inclusão. (PACHECO; COSTAS, 2006, p.158).

O termo Necessidade Especial expressa que todas as dificuldades apresentadas diante de qualquer situação relacional, cotidiana e de vida de uma pessoa demandam um atendimento especial, que pode ser de uso diferenciado do tempo, de aparatos físicos, humanos e materiais, mesmo que temporariamente (UNESCO, 1994).

As Dificuldades de Aprendizagem são bastante debatidas atualmente por estarem diretamente ligadas à ideia de sucesso ou de insucesso do sujeito no processo de desenvolvimento e esse tema tem sido estudado na tentativa de encontrar soluções a fim de amenizar as consequências desse problema na vida dos estudantes, conceito pelo qual é também denominado por alguns estudiosos como problema de aprendizagem, distúrbio, transtorno de aprendizagem ou ainda fracasso escolar. De acordo com Pain (1989), o problema de aprendizagem pode ser considerado como um sintoma por não se apresentar em um quadro permanente, por essa razão cada estudante tem sua forma de aprender.

Considerando o exposto é importante apresentar o conceito de serviço especializado que, segundo Correia (2008, p. 23-24), é definido como “[...] um

conjunto de apoios no âmbito educativo, terapêutico, médico, social e psicológico, que visam à prevenção, redução ou supressão da problemática do aluno”.

Alguns estudantes com condições específicas, em decorrência de fatores como drogas, álcool, gravidez, abuso, ambientes socioeconômicos e socioemocionais desfavoráveis poderão experimentar o insucesso escolar. Essas condições necessitam de adequações curriculares “adaptando as características do aluno num determinado momento do seu desenvolvimento e percurso educacional” (CORREIA, 2008, p.48). Essas adaptações são imprescindíveis para a promoção da qualidade no sistema educativo.

Ainda no século passado, o psicólogo Samuel Kirk foi precursor na denominação das expressões relacionadas à dificuldade de aprendizagem ou distúrbio, deslocando-o da parte clínica para a educacional, pois Kirk (1962, p.263), explica dificuldade de aprendizagem como sendo:

[...] uma **dificuldade** (ou **distúrbio**) de aprendizagem refere-se a um atraso, desordem ou retardo do desenvolvimento em um ou mais processos da fala, leitura, escrita, aritmética ou outro resultado escolar do sujeito causado por uma desvantagem psicológica devido a uma possível disfunção cerebral e/ou distúrbio emocional ou comportamental, privação sensorial ou de fatores culturais e educacionais.

Para Kirk (1962) os termos utilizados não eram esclarecedores para o entendimento das dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Sugeriu então que as crianças fossem consideradas como tendo dificuldade de aprendizagem (*learning disability*), apresentando da seguinte forma, de acordo com Cruz (1999, p. 30),

[...] eu usei o termo ‘dificuldades de aprendizagem’ para descrever um grupo de crianças que têm desordens no desenvolvimento da linguagem, da fala, da leitura, e das habilidades associadas à comunicação necessárias para a interação social. Neste grupo eu não incluo as crianças que têm défices sensoriais tais como a cegueira ou a surdez, porque temos métodos para lidar e treinar os surdos e os cegos, eu também excluo deste grupo as crianças que apresentam um atraso mental generalizado.

Já Garcia Sánchez (apud NUNES; SILVEIRA, 2008, p.174), refere um conjunto heterogêneo de transtornos que podem surgir ao longo da vida:

A definição mais aceita entre os estudiosos do tema tem sido a de um conjunto heterogêneo de **transtornos** que se expressa no campo da

linguagem, da leitura, da escrita e das habilidades matemáticas, que podem aparecer ao longo do ciclo vital.

Alguns autores fazem uso de mais de uma terminologia na mesma definição. Drouet (2000, p. 93) enfatiza que:

Todos os **distúrbios** – da fala, da audição, emocionais, do comportamento, etc.- tem sua origem em causas diversas, porém todos eles se constituem em **obstáculos à aprendizagem**, prejudicando-a ou mesmo impedindo-a. São, portanto, **problemas** dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Frente às necessidades que permeiam os espaços educacionais, muitos são os desafios. A multiplicidade de contextos exige ações necessárias a cada situação. Barbosa (2006, p.53) destaca que:

Estar com **dificuldade para aprender** [...] significa estar diante de um **obstáculo** que pode ter um caráter cultural, cognitivo, afetivo ou funcional e não conseguir dar prosseguimento à aprendizagem por não possuir ferramentas, ou não poder utilizá-las, para transpô-lo.

O estudante com necessidades educativas anseia por uma educação que estimule ao máximo o desenvolvimento de suas estruturas lógicas. Assim, uma ação e intervenção psicopedagógica possibilita a construção e aplicação de seus conhecimentos na transposição desse obstáculo que caracteriza a dificuldade de aprender.

Torna-se visível a necessidade de se instituírem programas educativos que combinem a observação cuidadosa e apropriada frente às potencialidades e limitações do estudante. Ross (1979, p. 13-4) explica que:

[...] distúrbios de aprendizagem é uma expressão que desperta a atenção para a existência de sujeitos que frequentam a escola e apresentam dificuldades de aprendizagem, embora não apresentem defeito físico, sensorial, intelectual ou emocional.

Diante do exposto, percebe-se que há uma variedade de termos relacionados a questões de aprendizagem, porém todas essas terminologias partiram de uma investigação diagnóstica realizada por uma equipe de especialistas, que vai desde o psicopedagogo, passando pelo psicólogo, o neurologista, o fonoaudiólogo e demais áreas capacitadas para que seja possível entender o universo do não aprender de maneira profissional para que não haja julgamentos precipitados e preconceituosos.

1.2. A PSICOPEDAGOGIA COMO ÁREA INTERDISCIPLINAR

A psicopedagogia é uma área interdisciplinar que vem assumindo um papel importante na educação e saúde. Assim, com as contribuições da Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia, Neurologia, entre outras ciências, visa compreender de forma integradora o processo de aprendizagem humana. Para tanto, analisa elementos que fazem parte desse processo e os fatores que podem condicionar as dificuldades de aprendizagem. Segundo Beauclair (2006, p.26), psicopedagogia é:

[...] uma área do conhecimento que se propõe a integrar, de modo coerente, conhecimentos e princípios de diferentes ciências humanas, com a meta de adquirir uma ampla compreensão sobre os variados processos inerentes ao aprender humano.

De acordo com Bossa (2000), a psicopedagogia nasceu no século XIX, num contexto europeu marcado por intensas mudanças políticas, sociais e econômicas que acarretaram na ampliação do acesso à escolarização de camadas da sociedade que, até então, não frequentavam a escola, a fim de atender as novas demandas do capital decorrentes da industrialização.

A partir dos anos de 1980, a psicopedagogia foi se consolidando no Brasil deixando de lado o enfoque orgânico pelo qual as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar eram atribuídos a causas biológicas e culturais sem considerar outros aspectos. Passa-se então a considerar problemas relacionados ao meio familiar e conflitos emocionais como fatores determinantes do fracasso escolar e problemas de aprendizagem (GRASSI, 2009).

A psicopedagogia no Brasil iniciou de forma organizada a partir dos anos de 1970, porém já existiam preocupações com a busca de alternativas de intervenção frente às dificuldades de aprendizagem, fracasso escolar e com a compreensão do processo de ensino e aprendizagem por parte de educadores, médicos e psicólogos (GRASSI, 2009).

Segundo Fontes (2006), a psicopedagogia a partir do século XXI procura trabalhar visando à qualidade nas relações com o conhecimento, e, para isso, utiliza-se de duas abordagens que se completam – a abordagem clínica e a abordagem

institucional, para compreender como a transmissão de conhecimento e a compreensão dos fatos psicológicos interferem no ato de aprender.

Já no final dos anos de 1990, o fracasso escolar começou a ser considerado produto de multifatores inerentes ao sujeito que traz experiências do seu meio social e econômico, cultural e dotado de uma história pessoal (GRASSI, 2009).

Na definição de Neves (1991), a psicopedagogia é uma área de estudos que busca compreender o ato de aprender e ensinar, considerando as realidades internas (inerentes aos sujeitos e suas estruturas) e externas (referentes ao meio e contexto em que o sujeito está inserido) da aprendizagem como fatores inter-relacionados. Complementa sua afirmação dizendo que procura estudar como se constrói o conhecimento em toda a sua complexidade, considerando os aspectos cognitivos, afetivos e sociais, dando-lhes o mesmo peso (NEVES, 1991). Outra definição importante é a de Rubinstein (1992, p.103) onde afirma que:

[...] a proposta da psicopedagogia é compreender o indivíduo enquanto aprendiz. Como alguém cheio de dúvidas, fazendo escolhas e tomando decisões a cada passo do longo caminho percorrido em vida.

Ainda, para Rubinstein, a psicopedagogia procura investigar a etiologia das dificuldades de aprendizagem, além de compreender o processo de aprendizagem levando-se em consideração as variáveis que nele interferem. Assim, de modo geral, o objeto de estudo da psicopedagogia é o processo de ensino e aprendizagem, que é bastante complexo, pois envolvem diversos elementos, fatores e concepções teóricas a fim de não apenas investigar o processo de aprendizagem, mas prevenir, intervir, tratar pela psicopedagogia e demais profissionais envolvidos nesse processo.

Como área de estudo, a psicopedagogia aprofunda seus aportes teóricos e técnicos com o objetivo de possibilitar aos profissionais um olhar ampliado em relação ao sujeito cognoscente que é visto como um ser totalmente inserido em um contexto, que lhe permite infindáveis aprendizagens nos diferentes âmbitos sociais. Esse ser cognoscente é caracterizado por Barbosa (2002, p.40):

Como um sujeito inteiro, constituído de diferentes dimensões (biológica, afetiva, relacional, funcional e cultural) que interage entre si, capaz de formar um conhecimento sobre seu ambiente natural e sociocultural, bem como um conhecimento sobre si mesmo.

Sabe-se que a psicopedagogia atua no âmbito clínico e institucional. A atuação psicopedagógica clínica é o atendimento que engloba a investigação e a intervenção psicopedagógica com foco no processo de aprendizagem e suas dificuldades, procurando compreender o processo e superar as dificuldades que o obstaculizam.

O profissional busca compreender o estudante integralmente, desenvolvendo um trabalho de avaliação diagnóstica psicopedagógica em que se procura conhecer o sujeito como ele é, considerando todos os aspectos que o constitui.

Esse trabalho é desenvolvido por meio de uma investigação completa e cuidadosa, com uso de instrumentos e recursos específicos, que leva ao levantamento de hipóteses para possibilitar a organização de um trabalho terapêutico com o objetivo de resgatar a possibilidade de aprendizagem.

Fontes (2006) apresenta a abordagem clínica como um procedimento que envolve diagnóstico da queixa ou do sintoma apresentado; atendimento terapêutico previamente combinado com a família e a escola da pessoa a ser atendida.

Essa atuação não ocorre apenas em consultórios. Pode ocorrer nas escolas de Ensino Regular e de Ensino Especial, nas instituições de Ensino Superior, em hospitais em uma relação entre o aprendente e o ensinante na busca de estratégias para que os obstáculos da não aprendizagem sejam eliminados (GRASSI, 2009).

Cabe mencionar que diferentes concepções teóricas podem fundamentar sua práxis, mas é importante que mantenha coerência teórica na realização do trabalho psicopedagógico clínico.

O diagnóstico é parte integrante da intervenção psicopedagógica e é fundamental para a identificação das causas das dificuldades de aprendizagem. Lerner (1988) define que o diagnóstico é uma coleta de informações sobre o indivíduo e que servirá de base na formação de julgamentos e tomada de decisão sobre tudo que se refere à sua aprendizagem.

Segundo Weiss (1992), o sucesso do diagnóstico não depende do número de instrumentos utilizados, mas da competência e sensibilidade do profissional que está atuando. Além disso, ao fazer o diagnóstico, é importante considerar fatores externos que podem influenciar no comportamento do indivíduo.

O trabalho psicopedagógico institucional é realizado com base na análise das redes de relações que se estabelecem, em processo de ensino e aprendizagem.

Assim, seu objeto de estudo é a instituição, seja ela uma escola, um hospital ou uma empresa, onde pessoas se relacionam, ensinam e aprendem (GRASSI, 2009).

Gasparian (1997) acredita que o psicopedagogo institucional deve desenvolver seu trabalho como consultor ou assessor psicopedagógico. Dessa forma, os profissionais ampliaram seu campo de atuação para âmbitos mais abrangentes, atuando nas causas primeiras às dificuldades de aprendizagem. Para Bossa (2000, p. 89):

A psicopedagogia institucional se caracteriza pela própria intencionalidade do trabalho. Atuamos como psicopedagogos na construção do conhecimento do sujeito, que neste momento é a instituição com sua filosofia, valores e ideologia. A demanda de instituição está associada à forma de existir do sujeito institucional, seja ele a família, a escola, uma empresa industrial, um hospital, uma creche, uma organização assistencial.

A psicopedagogia institucional se propõe, portanto, a estar atenta às inúmeras possibilidades de construção do conhecimento e contribui preventivamente desenvolvendo trabalhos grupais e individuais que possibilitem a interação entre os estudantes em seu âmbito cognitivo, afetivo, social e biológico.

Ao se afirmar que o objeto de estudo da psicopedagogia é o processo de aprendizagem, sendo este dinâmico que ocorre durante toda a vida do sujeito, dar-se-á a devida importância do trabalho de uma equipe interdisciplinar¹ numa visão integradora do estudante. Sendo assim, as práticas psicopedagógicas no Ensino Superior apresentam um desafio na atualidade: lidar com a não aprendizagem e com as dificuldades de aprendizagem considerando suas determinantes sociais numa visão interdisciplinar. A identificação dessa necessidade se configura pelo crescente número do público-alvo da Educação Especial ingressantes nas universidades (BRASIL, 2008).

Evidenciar essas ações e mostrar o seu valor, à medida que contribui com o processo pedagógico, possibilita o melhor diálogo no ambiente universitário e, assim, ao estudante, um melhor desempenho.

¹O conceito de Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar, é utilizado nesse trabalho, tendo como fundamento os estudos de Gadotti e Scoz (1996). Nas ações do Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação a equipe psicopedagógica é composta por profissionais de diferentes áreas, alguns que desenvolvem as atividades no setor e outros que solicitados conforme a demanda dos casos em atendimento.

2 ATUAÇÃO DA EQUIPE PSICOPEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR

A interdisciplinaridade discute aquilo que está entre as disciplinas como questão gnosiológica². Nesse sentido, Gadotti (1996) ensina que a interdisciplinaridade surgiu pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação trazida pela epistemologia positivista, restabelecendo um diálogo entre as ciências. Tem como objetivo a compreensão do contexto presente mediante a unidade de conhecimento e, para alcançá-la, entre outros aspectos, articula novos paradigmas, entrelaça disciplinas, determina domínios de investigação, constitui linguagens partilhadas na pluralidade de saberes, nas trocas de experiências, nos modos de realização de parcerias.

Aborda um processo interativo em que as ações interligadas num conjunto integrado se concebem, isento de visões parceladas, ultrapassando fronteiras disciplinares e conceituais, resultantes do pensamento clássico e são abandonadas visões compartimentadas originadas no cientificismo e nas ideologias cientificistas (GADOTTI, 1996).

Para Scoz (1996) a prática interdisciplinar favorece a integração dos conhecimentos, visando à compreensão de aspectos diferenciados da realidade. Nessa perspectiva, a troca de informações e conhecimentos entre especialistas de diferentes áreas é fundamental para a compreensão e elaboração das estratégias diagnósticas e terapêuticas para atender os estudantes com e sem deficiência e ou dificuldades de aprendizagem.

Como área interdisciplinar, a psicopedagogia pode auxiliar nesse processo, pois estuda e trabalha com o método de aprendizagem e suas dificuldades. Cabe à equipe psicopedagógica analisar, avaliar e compreender todas as situações que envolvem a aprendizagem, buscando diagnosticar e restaurar uma relação saudável do sujeito com ela. Por isso, essa abordagem também se preocupa com a saúde da aprendizagem, atuando na prevenção e no tratamento não só nas deficiências, mas nas potencialidades, pelo conhecimento do modo como o ser humano aprende. (GADOTTI, 1996; SCOZ, 1996).

² O objetivo da gnosiologia é refletir sobre a origem, essência e limites do conhecimento, do ato cognitivo.

Portanto torna-se imprescindível abordar a concepção de aprendizagem não só como objeto de estudo e trabalho do psicopedagogo, mas de todos os que se envolvem no processo da educação especial ou não.

A proposta psicopedagógica interdisciplinar se refere a uma concepção baseada na interdependência entre os diversos ramos do conhecimento, para que se torne mais dinâmico e compatível com a atual realidade que está acelerada diante do saber humano. Faz-se necessário pensar em ações para que não se perca diante do acervo de conhecimentos. Em outros termos, permitir que o diálogo aconteça entre as diversas áreas do saber para estabelecer relações que possibilitará a qualidade da aprendizagem.

Assim, a interdisciplinaridade, vista no contexto apresentado, entende que a divisão do saber, frisando a interdependência, a interação, a comunicação existente entre as disciplinas, busca a interação do conhecimento numa totalidade una e significativa.

Entre as inúmeras razões que fundamentam a prática psicopedagógica interdisciplinar, destaca-se a rapidez das mudanças em todos os setores da sociedade. Essas mudanças implicam na capacidade de adaptação que o sujeito precisa ter para aplicar tais conhecimentos, fato que tem provocado uma revisão didático-pedagógica do processo de educação escolar.

Hoje a educação tem a função de habilitar os indivíduos para que não se tornem sujeitos imaturos diante da compreensão de um mundo em mudança. Não é mais suficiente apenas aprender fatos; é preciso saber lidar com os fatos, interpretá-los e compreendê-los; aprender a aprender, dominar o pensamento, resolver problemas e criar soluções.

Com o propósito de estudar a aprendizagem e seus problemas, a psicopedagogia procura relacionar outras áreas do conhecimento a fim de realizar um trabalho interdisciplinar, contribuindo para a compreensão do processo, a orientação dos problemas decorrentes e, também, melhoria da qualidade do ensino.

2.1 CONSTITUIÇÃO DO TRABALHO EM EQUIPE: A FORMAÇÃO DO GRUPO

Sabe-se que o ser humano nasce com um potencial para aprender e que esta capacidade só se desenvolverá na interação com o mundo, na experimentação com o objeto de conhecimento, na reflexão sobre a ação. A aprendizagem se organiza e

se estrutura a partir de processos dialéticos, sendo necessário um elemento dialogante para que o saber se construa.

Zimerman (1997) explica que o ser humano é gregário por natureza e somente existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Desde o nascimento, o indivíduo participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal social.

Essa interação social é fundamental que aconteça no grupo para que a aprendizagem circule movida pelas relações afetivas diferenciadas da organização tradicional, onde profissionais pensavam e produziam sozinhos. Assim, deve-se abrir espaço para o trabalho coletivo.

A psicologia grupal é resultante da confluência das contribuições provindas da teoria psicanalítica e das Ciências Sociais, através dos ramos da Sociologia, Antropologia Social e Psicologia Social (ZIMERMAN, 2000).

Atribui-se a inauguração do recurso grupo terapêutico à J. Pratt, um fisiologista americano que, a partir de 1905, em uma enfermaria com mais de 50 pacientes tuberculosos, criou, intuitivamente, o método de “classes coletivas”, as quais consistiam em uma aula prévia ministrada por Pratt sobre a higiene e os problemas da tuberculose, seguida de perguntas dos pacientes e da sua livre discussão com o médico (ZIMERMAN, 2000).

Esse método mostrou excelentes resultados na aceleração da recuperação física dos doentes, o qual está baseado na identificação desses com o médico. Esse sistema empírico foi modelo de outras organizações similares, como, por exemplo, a dos “Alcoolistas Anônimos” (ZIMERMAN, 2000).

A partir de Pratt, pode-se pensar que o trabalho de grupo não se resume aos profissionais da mesma área, pois pode ocorrer até mesmo com médico e pacientes, enquanto que o trabalho interdisciplinar necessita do diálogo e interação das diferentes áreas do saber. Nisso, a Psicopedagogia tem sido uma importante referência, pois o seu histórico como área do saber demonstra a necessidade e a relevância dessa aprendizagem, a de interagir com as diversas áreas do saber.

No Brasil, a psicoterapia de grupo de inspiração psicanalítica teve começo com Alcion B. Bahia; outros nomes importantes e pioneiros são os de Walderedo Ismael de Oliveira e Werner Kemper, no Rio de Janeiro; Bernardo Blay Neto, Luis Miller de Paiva e Oscar Resende de Lima, em São Paulo; e Cyro Martins, David

Zimerman e Paulo Guedes, em Porto Alegre. Atualmente, no Brasil, há uma série de pessoas, em diversas e múltiplas áreas, trabalhando ativamente em busca de novos caminhos e de uma assistência mais ampla e abrangente com a aplicação dos recursos da dinâmica grupal (ZIMERMAN, 2000).

Dentre as diversas modalidades grupais e suas classificações, a pesquisa apresenta os grupos operativos voltados ao Ensino-Aprendizagem em que sua ideologia fundamental é que o essencial é “aprender a aprender”, e que “mais importante do que encher a cabeça de conhecimentos é formar cabeças” (ZIMERMAN, 2000, p.91).

Assim como os grupos operacionais, os grupos de reflexão propostos pelo psicanalista argentino Dellarosa (1979) são apresentados, nessa pesquisa, por pertencerem à categoria mais abrangente dos grupos operativos, nome cunhado por Pichon-Rivière (1977). O grupo de reflexão é uma das modalidades do grupo operativo e segue as regras básicas deste, sendo característico o fato de que o grupo reflexivo tem a finalidade precípua de servir como um instrumento da primeira grandeza para a área do ensino-aprendizagem, isto é, da educação. (ZIMERMAN, 2000).

Pode-se afirmar, também, que o grupo de reflexão é uma indicação prioritária em todos os programas educacionais, os quais visam fundamentalmente aliar o propósito da informação e o da formação, especialmente no que se refere a atitudes internas (ZIMERMAN, 2000).

Segundo Zimerman (2000), uma das finalidades mais importantes de um grupo de reflexão é a de possibilitar aos indivíduos uma forma mais adequada de utilização do pensamento. Dessa forma, Zimerman (1997, p.27) afirma que:

A essência de todo e qualquer indivíduo consiste no fato dele ser portador de um conjunto de sistemas: desejos, identificações, valores, capacidades, mecanismos defensivos e, sobretudo, necessidades básicas, como a dependência e a de ser reconhecido pelos outros, com as quais ele é compelido a conviver. [...] o individual e o social não existem separadamente, pelo contrário, eles se diluem, interpenetram, complementam e confundem entre si.

Diante da afirmação acima, é possível assegurar que um grupo não é um mero somatório de indivíduos. Consiste em uma nova identidade com mecanismos próprios e específicos, reunidos em torno de tarefa e de um objetivo comum e que

necessita da preservação da subjetividade de cada sujeito e do reconhecimento dos demais membros do grupo.

No trabalho de equipe, o grupo de reflexão apresenta aspectos técnicos que justificam a proposta dessa pesquisa à medida que visa à remoção das dificuldades as quais estão impedindo que os profissionais realizem suas tarefas (seja de descomprometimento no trabalho, competitividade, ausência de espírito de equipe, entre outros) presentes no cotidiano de trabalho da Educação Superior e de outras instituições, visto que envolve aspectos subjetivos das pessoas envolvidas, pois, refletindo, pode-se rever e ressignificar ações que permitam um processo de reconstrução.

Bion (1970) referiu o ser humano como um ser grupal que não progride sem os outros seres humanos. Assim, aprender a trabalhar em equipe representa um desafio de reconhecimento de si mesmo como participante de uma produção e o reconhecimento do trabalho do outro, do colega, como importante e fundamental.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NO TRABALHO EM EQUIPE

O trabalho em equipe tem sido uma tendência discutida como uma possibilidade em diversas áreas, visando melhora nas relações e comportamentos grupais. Atualmente os profissionais estão cada vez mais se conscientizando de que o trabalho solitário e isolado compromete as intervenções. Com isso, pode ocorrer o despertar da maioria dos profissionais em reunir esforços para construir uma trajetória de trabalho em conjunto, com cada área oferecendo a sua contribuição e especificidade. Dada a importância da questão às intervenções na área da Educação Especial, serão abordadas as relações entre as áreas do saber.

Inicialmente, é preciso balizar que pensar interdisciplinaridade pode ensejar alguns equívocos – como a globalização de atividades, no sentido de que pode ser realizada por apenas um profissional. Igualmente, e o mais preocupante, é a forma como se exterioriza a tão noticiada interdisciplinaridade, sem que se afaste da hierarquização entre as áreas do saber, colocando-se umas como mais importantes que outras, e o uso inconsequente do termo interdisciplinaridade, que o depaupera e banaliza.

A interdisciplinaridade precisa ser discutida como uma necessidade de interação e busca dos profissionais das diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, Fazenda (2003, p. 13) alerta que:

[...] é impossível a construção de uma única, absoluta e geral teoria da interdisciplinaridade, mas é necessária a busca ou o desvelamento do percurso teórico pessoal de cada pesquisador que se aventurou a tratar questões desse tema.

Segundo o dicionário de língua portuguesa, a palavra interdisciplinar (inter + disciplinar) refere-se ao que é comum a duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento, enquanto que multidisciplinar (de mui (i) + disciplina) refere-se a ou abrange muitas disciplinas (FERREIRA, 1999).

Por outro lado, a transdisciplinaridade sugere uma perspectiva polissêmica, originada na própria expressão. Ao mesmo tempo em que é utilizada como passaporte de um saber maior, é também foco de críticas e confusões interpretativas. Rodrigues (2000) a aplica no sentido de potencializar a ideia de caminhar, de ultrapassar as fronteiras das disciplinas e de ousar transitar por elas³, no movimento em que se estabelece *entre*, *através* e *para além* das disciplinas, cuja dinâmica se concretiza na articulação, na legitimidade e na coerência de saberes.

Nesse sentido, explica a mesma autora, ela é diferente da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. Enquanto a multidisciplinaridade trata do estudo de um mesmo objeto por parte de várias disciplinas, sem necessidade de interação, uma vez que cada área apresenta conhecimentos específicos, a interdisciplinaridade promove a troca de informações e de conhecimentos entre diferentes disciplinas, mas essencialmente transfere métodos de uma disciplina para outra, sem a pretensão de atingir a unidade de conhecimentos, mas a parceria e mediação dos conhecimentos na criação de saberes (RODRIGUES, 2000).

As diferentes disciplinas separadas, na maioria das vezes, não dão conta das questões emergentes da sociedade, logo, não consideram as questões referentes à Educação Especial. O Ensino Superior desafia a comunidade acadêmica diariamente, sendo-lhes demandadas questões que, por sua vez, não são possíveis

³ “A transdisciplinaridade, no sentido em que a entendemos, supõe agir sobre os saberes que vimos produzindo, atuando sobre os valores que os mantêm, o modo de praticá-los, questionando as “chamadas” novas competências individuais e coletivas; faz-nos retomar as marcas profundas que a história nos legou, utilizando esse aprendizado como experiência essencial na reorientação de novas ações e de nova ética.” (RODRIGUES, 2000, p. 129).

de dar conta de forma isolada, havendo necessidade do diálogo com profissionais de áreas diversas.

De modo geral, para se exercitar a interdisciplinaridade, é proposta uma atitude interdisciplinar, que caracteriza por ser:

[...] uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo –, atitude de humildade diante do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio de redimensionar o velho –, atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida. (FAZENDA, 2003, p. 82).

Como se pode perceber, é um exercício que precisa ser construído e conquistado aos poucos, a cada dia, nas ações cotidianas dos profissionais de diferentes áreas, pois são diversas as atitudes propostas pela autora que precisam ser desenvolvidas: atitude de busca de alternativas, de espera, de reciprocidade, de humildade, de perplexidade, de desafio, de envolvimento e comprometimento, atitude de responsabilidade, e também de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida.

3 EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, VALORIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA E CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA ÁREA.

Para abordar a questão da Educação Especial⁴ é importante elucidar o conceito de educação. Sendo assim, Correia (1990) define educação como um processo de aprendizagem e de mudança que se opera no estudante por meio do ensino e de quaisquer outras experiências a que ele é exposto nos espaços onde interage.

Deste modo, verifica-se que o ensino é essencial no processo de aprendizagem de um estudante e quanto maiores forem seus problemas e dos ambientes onde ele interage, maiores serão as exigências que se colocam a todos aqueles que fazem parte desse processo. Assim, para tratar da Educação Especial é importante conhecermos sua história.

Em 1890, aconteceu uma reforma nos métodos educacionais do Instituto Benjamim Constant (anteriormente denominado Imperial Instituto dos Meninos Cegos), a qual contribuiu para que o ensino do deficiente fosse valorizado. A referência para a normalidade decorre pelo posicionamento no rendimento escolar, e não havia qualquer orientação que norteasse o tratamento dos ditos “anormais”. Após esse momento, ainda que o foco fosse a educação coletiva, os estudantes com desenvolvimento atípico eram separados em diferentes salas de aula para que não influenciassem o aprendizado dos outros. Nesse período histórico, o encaminhamento educacional partia da premissa da “ordem e progresso”, com o objetivo de impedir que deficientes não educados se tornassem criminosos ou perturbadores da ordem social. (JANUZZI, 2004).

A autora segue apresentando o cenário da educação do deficiente no Brasil. Segundo ela, foi a partir do início do século XX que a “educação do deficiente” ganha um novo olhar e é contemplado com a criação de centros de reabilitação e clínicas psicopedagógicas, mas ainda se mantinham as classes anexas aos hospitais. Situação que perdurou até a década de 1970.

⁴ A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) define a Educação Especial como “[...] uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular”. (BRASIL, 2008, p. 10)

Destaca-se na década de 1960, a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), presumindo que os estudantes com deficiência fossem inseridos “quando possível” na educação regular e recomendados serviços especiais caso não houvesse possibilidades de inserir esses estudantes nas salas de aula regulares até a conclusão de seus estudos. Aqueles que não obtinham êxito acadêmico e não condiziam com as normas em curso eram excluídos. Torna-se importante destacar também que, embora existisse a obrigatoriedade da integração do indivíduo com necessidades especiais no ensino público regular, permanecia a atuação do setor privado nos serviços educacionais de atendimento aos estudantes com deficiência para a elite da sociedade (JANUZZI, 2004).

Nos anos de 1970, a valorização da produtividade do deficiente passa a seguir o princípio de que “cada um valia aquilo que produzia” (SANTOS, 1917, p. 153 apud JANUZZI, 2004, p. 53). Os fatores como “ocupação de tempo” e “participação social” bem como o trabalho dessas pessoas visavam o desenvolvimento social do país, alocava-se as mesmas em pequenos serviços industriais. Apesar disso, mesmo diante de alguns progressos, a educação do deficiente era um assunto pouco discutido nas Conferências Nacionais de Educação. As reformas em educação especial tinham por objetivo educar o “normal” dentro dos padrões de excelência, sem realmente favorecer as pessoas com necessidades especiais (JANUZZI, 2004).

Com a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP, posteriormente Secretaria da Educação Especial – SEESP) em 1973, novas conquistas foram possíveis, pois emergia o primeiro Órgão Federal de Política Específica, para o ensino do deficiente. Paralelo a isso, as organizações filantrópicas e campanhas pela causa da deficiência continuaram a se solidificar no país e a escolarização do deficiente ganhou maior valor e visibilidade, tendo em vista o desenvolvimento do país e a produtividade do indivíduo. O discurso pedagógico da época destacou a integração ou normalização da deficiência, inserindo as pessoas com necessidades especiais no cotidiano dos considerados normais (JANUZZI, 2004).

Ainda na expectativa de que um órgão nacional conseguisse melhorias e integração social ao deficiente, foi criado em 1985 um novo órgão para integração das populações, a Coordenação Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência (CORDE), que objetivou realizações mais amplas do que o CENESP e

permitiu a participação dos deficientes em suas decisões; colaborou não só com a divulgação de orientações que viabilizassem a integração social do deficiente, mas também apontou os motivos que pareciam inibir tal feito (JANUZZI, 2004).

A breve contextualização da história do deficiente no Brasil demonstra que a Educação Especial vem se estruturando no decorrer dos anos a fim de eliminar barreiras educacionais.

Em sua progressiva afirmação prático-teórica, a Educação Especial absorveu os avanços da Pedagogia e da Psicologia da Aprendizagem, sobretudo de enfoque comportamental. O desenvolvimento de novos métodos e técnicas de ensino baseados nos princípios de modificação de comportamento e controle de estímulos permitiu a aprendizagem e o desenvolvimento acadêmico desses sujeitos, até então alijados do processo educacional. (GLAT; FERNANDES, 2005, p.37).

Sendo assim, poderá haver a necessidade de se envolverem outros recursos (psicólogos, terapeutas, médicos) para que as respostas educativas sejam mais eficazes. Portanto, a Educação Especial refere-se não apenas e só a um conjunto de recursos que a escola e as famílias devem ter ao dispor para responderem mais eficazmente às necessidades de um aluno, recursos que, de uma forma interdisciplinar irão permitir desenhar um ensino cuidadosamente planejado, orientado para as capacidades e necessidades individuais desse aluno (CORREIA, 2012).

A Educação Especial constitui-se a partir de movimentos sociais, políticos, culturais, ideológicos, pedagógicos, pautada na defesa da Educação como direito de todos, com iguais acessos ao saber sem nenhuma forma de discriminação. Nesta perspectiva a Educação Especial torna-se uma modalidade transversal de ensino, como consta na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 10):

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular.

Ações específicas na perspectiva da inclusão de pessoas com deficiência, necessidade especial e educacional na Educação Superior evidencia-se a

necessidade de um exercício democrático. Costas (2007, p.9) cita alguns princípios fundamentais para uma cultura inclusiva:

Respeitar a diversidade e valorizar a singularidade do aprendiz traduz-se na disposição de conhecer a pessoa com deficiência e aprender com ela; a pessoa com deficiência é uma catalisadora de práticas pedagógicas diferenciadas e de valores novos, práticas e valores que contribuem significativamente para a garantia da excelência do ambiente acadêmico; a educação inclusiva propõe uma nova epistemologia, uma epistemologia que considera a complexidade humana e permite às pessoas com deficiência o protagonismo sobre suas carreiras acadêmicas.

Desta forma, a Educação Especial é um conjunto de recursos especializados que se constituem como condição fundamental para um ensino de qualidade e para melhor efetivação da proposta. Nas últimas duas décadas, pesquisas vêm sendo desenvolvidas devido ao movimento de educação inclusiva.

Assim, a instituição de ensino ao receber um estudante com deficiência que não se beneficiaram dos métodos e procedimentos usados pela educação regular, precisa pautar-se na Educação Especial para lidar com a educação e aperfeiçoamento de indivíduos nesse contexto. Dentro de tal conceituação, inclui-se em Educação Especial desde o ensino de pessoas com deficiências sensoriais, passando pelo ensino de jovens e adultos, até mesmo ensino de competências profissionais sendo necessário antes de tudo, tornar reais os requisitos para que as Instituições de Ensino sejam verdadeiramente inclusivas e não excludentes.

Na década de 1990, com a Declaração de Salamanca, o governo concebeu o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE), avaliador e aprovador do plano anual da Coordenação Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência (CORDE). O objetivo desse órgão seria facilitar gestões descentralizadas e possibilitar a comunicação entre sociedade civil e governo.

Nos anos 2000, a ênfase da escola começa a centralizar-se em seu poder transformador, necessitando que os educadores atentem às particularidades dos alunos e valorizando métodos e técnicas de ensino que atendam às “necessidades especiais” de cada um. Atualmente, ainda se luta para que a Educação Especial seja reconhecida como parte integrante de uma educação para todos.

O sistema de cotas garante a reserva de vagas do público da Educação Especial na Educação Superior, sendo este um tema bastante debatido na

atualidade que deve ser entendido como um meio que visa solidificar um elo igualitário e social. Stainback e Stainback (1999, p. 26) afirmam que:

Sem dúvida, a razão mais importante para um ensino inclusivo é o valor social da igualdade. Ensinamos os alunos através do exemplo de que, apesar das diferenças, todos nós temos direitos iguais. Em contraste com experiências passadas de segregação, a inclusão reforça a prática da ideia de que as diferenças são aceitas e respeitadas.

Desse modo, percebe-se que não existe educação genérica. É necessário oferecer possibilidades de desenvolvimento para além das limitações de uma pessoa com deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem.

Em Educação Especial, há a defesa da inserção e da qualidade do ensino dos deficientes como influenciadores nesse processo de transformação social, na medida em que o torna consciente dos confinamentos existentes e proporciona-lhe meios de se apropriarem dos conhecimentos necessários à vida e à transformação social (JANUZZI, 2004).

Assim, foram crescendo as medidas em torno da educação no país. Januzzi (2004) explica que a educação na vertente psicopedagógica é bastante influenciada pela psicologia, e a preocupação com aspectos intelectivos tem os testes de inteligência como meio de organizar as classes homogêneas, facilitadoras, segundo se pregava, do ensino e da aprendizagem.

A mesma autora descreve que

a psicologia das diferenças individuais, ressaltada desde o princípio do século na educação do diferente, influenciou a educação geral, sendo também suporte de metodologias a partir das especificidades, fato que contribui para justificar a montagem de uma organização escolar administrativa e metodologicamente diferenciada (JANUZZI, 2004, p. 103).

O desafio que reside no sistema educacional é o de compreender e articular os conceitos teóricos e práticos expostos atualmente para a construção de um fazer que condizem com as necessidades dos alunos. Sendo assim, no campo da educação, percebe-se o aumento de pesquisas em educação especial e o interesse de outras áreas do conhecimento na contribuição de novos estudos visando solucionar a necessidade de encontrar práticas imediatas para resolver a premência da atual realidade educacional.

Com isso espera-se alcançar o objetivo: a participação efetiva de estudantes com e sem deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem nas atividades acadêmicas, pois as dificuldades encontradas no cotidiano não devem ser motivo de exclusão.

4 MÉTODO DA PESQUISA

A elaboração de uma dissertação de mestrado é um trabalho científico, que tem como objetivo intrínseco a demonstração e o desenvolvimento de um raciocínio lógico a partir de um trabalho de pesquisa. Incide no diálogo dos resultados de uma pesquisa e de uma reflexão que se aproxima de um tema delimitado e único. Destarte, é mister o uso de métodos e técnicas específicas de acordo com a ciência em que se está trabalhando (SEVERINO, 2000).

Sendo assim, torna-se fundamental explicitar o caminho metodológico percorrido para pesquisar a temática: Práticas Psicopedagógicas com o Estudante da Educação Superior.

Parte-se da concepção de metodologia como o caminho do pensamento e a prática desempenhada na abordagem da realidade. Para a execução da pesquisa, a metodologia apresenta-se como aspecto central, pois abrange as concepções teóricas de abordagem e as técnicas que possibilitam o estudo da realidade, bem como o potencial criativo do pesquisador (MINAYO, 2012). Ainda, a mesma autora entende por pesquisa, como “[...] a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade.” (MINAYO, 2012, p.16).

O universo dessa pesquisa se apresenta bastante amplo, ou seja, em toda a Universidade Federal de Santa Maria (Fig. 1). Contudo, para fins dessa investigação, foi selecionada uma amostra, uma parte significativa desse universo, qual seja um Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação e, no interior desse, uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar. Entende-se, dessa forma, o setor como sendo espaço ideal para a coleta de dados dessa investigação.

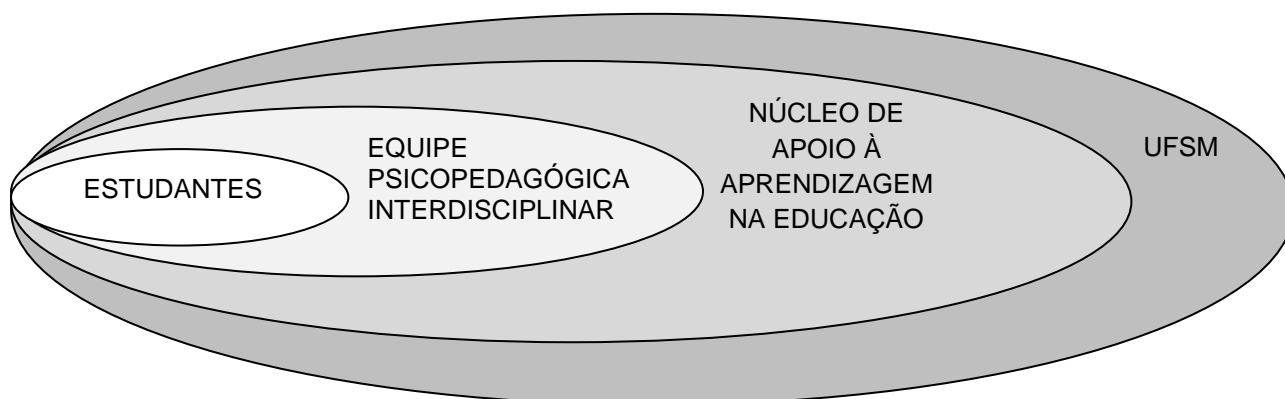


Figura 1- Universo da pesquisa

Áudio-descrição da figura: Figura composta por quatro elipses de tamanhos diferentes sobrepostas na cor cinza, sendo todas circunscritas umas as outras. A maior representa a Universidade Federal de Santa Maria seguida pela elipse, que representa um Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação; sequencialmente, aparece a que representa a equipe do setor e, por fim, a elipse menor representa os estudantes atendidos por esse setor.

4.1 CARACTERIZAÇÃO E TIPO DE ESTUDO

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o método qualitativo do tipo etnográfico, fundamentado em observações do contexto universitário.

Esse planejamento não precisa e nem deve ser apriorístico no sentido mais estrito, pois, nos estudos qualitativos, a coleta sistemática de dados deve ser precedida por uma imersão do pesquisador no contexto a ser estudado. Essa fase exploratória permite que o pesquisado, ao descer ao detalhamento exigido na pesquisa tradicional, defina pelo menos algumas questões iniciais, bem como os procedimentos adequados à investigação dessas questões (GEWANDSZNAJDER, 2002, p.148).

O foco da investigação recaiu sobre a realidade da inclusão na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) a partir das práticas desenvolvidas pela Instituição a fim de conhecer as contribuições de uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar no processo de aprendizagem dos estudantes universitários, público da Educação Especial ou não. Tal perspectiva está de acordo com a proposição metodológica objetivando trazer contribuições para a área pesquisada.

Dessa forma, buscou-se estabelecer diálogos entre as ideias de diversos autores da área e, juntamente com o trabalho de campo, propor melhorias para a realidade atual.

Alguns cuidados são necessários ao se apropriar da pesquisa etnográfica. Segundo Lüdke e Andre (1986, p.13-14), o termo etnografia “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo”. Em se tratando de um estudo voltado para as questões educacionais e que se utilize etnografia, é importante pensar sobre o processo de ensino aprendizagem que se enquadre dentro de um contexto sociocultural mais abrangente e atentar-se em não focar a pesquisa somente ao ambiente escolar, mas também promover uma relação entre o que se aprende na escola e o que se passa em contextos externos.

Nessa perspectiva, Wolcott (apud LÜDKE; ANDRE, 1986) apresenta algumas observações acerca dos vários critérios para o uso da etnografia na área de educação, destacando que: o problema é redescoberto no campo; o pesquisador deve realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente; o trabalho de campo deve durar pelo menos um ano escolar; a abordagem etnográfica combina vários métodos de coleta e; o relatório etnográfico apresenta uma grande quantidade de dados primários.

Esses critérios mencionados por Wolcott e comentados por Firestone e Dawson (apud LÜDKE; ANDRE, 1986) demonstram que, numa perspectiva de investigação educacional, o pesquisador não deve *a priori* levantar hipóteses, partindo para o entendimento do problema na própria situação estudada. É necessário contato direto com o campo para que se possa melhor entender a vida do grupo pesquisado. Sendo assim, a etnografia permite que sejam utilizadas combinações de técnicas como, por exemplo: a observação, a entrevista, a história de vida, a análise de documentos, vídeos, fotos, testes psicológicos, dentre outros.

Portanto, para fins dessa pesquisa, foram realizadas observações, com o prévio consentimento da comunidade a ser observada. Para tanto, seguiu-se as recomendações de Moreira (2002, p.53), o qual sugere que:

[...] um bom acordo pode significar o sucesso ou fracasso da pesquisa. Se esta ficar sujeita a restrições de tempo, acesso ou amostra imposta pelos sujeitos ao início dos trabalhos, isto pode seriamente atrapalhar o estudo ou qualidade dos dados coletados.

Ao iniciar as observações sob o consentimento dos envolvidos na pesquisa, a pesquisadora teve acesso às atividades cotidianas dos sujeitos com o intuito de compreender a realidade pesquisada para então atingir seus objetivos. Salienta-se que essa observação foi realizada nas dependências do setor de atendimento, e não nas sessões de atendimento realizadas pela equipe.

4.1.1 Sujeitos da Pesquisa

O estudo foi composto pela Equipe que constitui um Núcleo de aprendizagem e que aceitaram contribuir com a pesquisa, que foi executada no período de

setembro de 2015 a dezembro de 2015. Na época de realização da pesquisa, a equipe do setor totalizava em 15 profissionais sendo dois estagiários. Desses, 14 aceitaram participar.

Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, foram apresentados no corpo do trabalho com a letra inicial da profissão, ou seja, Ps – Profissional da Psicologia; Pp – Profissional da Psicopedagogia; P – Profissional da Pedagogia; F – Profissional da Fonoaudiologia; Ee – Profissional Educador Especial e TILS - Tradutor Intérprete da Língua Brasileira de Sinais, conforme ilustrado.

Denominação	Sigla	Número de respondentes por categoria profissional da equipe
Profissional da Psicologia	Ps	Ps 1 Ps 2 Ps 3 Ps 4 Ps 5
Profissional da Psicopedagogia	Pp	Pp 1 Pp 2
Profissional da Pedagogia	P	P 1
Profissional da Fonoaudiologia	F	F 1
Profissional Educador Especial	Ee	Ee 1 Ee 2 Ee 3 Ee 4
Profissional Tradutor Intérprete da Língua Brasileira de Sinais	Tils	Tils1

Quadro 1: Denominação dos respondentes da pesquisa por categoria profissional da equipe e suas respectivas siglas.

4.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada por meio de 10 observações sem uso de roteiros, pois o principal objetivo foi o de conhecer a dinâmica do setor, entrevistas e análise

de dois documentos do setor, conforme os procedimentos descritos na seção do método. Para Gil (2008, p.109), a entrevista é definida como a “técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”.

4.2.1 Procedimentos

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: um diário de campo; um roteiro de entrevista com 16 questões semiestruturadas elaboradas pela pesquisadora que foi aplicado à equipe do Núcleo (APÊNDICE A, B, C, D, E, F) e, após, foram realizadas as observações do funcionamento do setor e a análise dos documentos do setor (projetos, metas, planos, regimento).

No que tange as observações, foram realizadas dez, de maneira livre e não se utilizou roteiro para esse procedimento, sendo que tiveram uma hora de duração cada. Os turnos utilizados foram diferenciados para que se pudesse observar as diferentes dinâmicas e movimentações dos serviços. Ressalta-se que foram previamente agendadas com a coordenação do setor todos os momentos e dias de observação.

Em relação às entrevistas, o primeiro contato com os sujeitos da pesquisa teve por finalidade os acertos relativos às entrevistas. Nesse momento, foram explicados aos sujeitos que as entrevistas seriam realizadas no núcleo por meio de diálogo.

Enfatiza-se que as entrevistas foram agendadas previamente com os sujeitos da pesquisa. Anteriormente à sua realização, foi apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO A). As entrevistas que variaram de 40 minutos a uma hora e 30 minutos. Os entrevistados demonstraram sentir-se à vontade frente às questões apresentadas.

Concluída esta etapa, seguiu-se para análise dos documentos do setor, que deram subsídios para a pesquisa.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2009). Conforme essa autora (2009, p. 32): “A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e aos objetivos pretendidos tem de ser reinventada a cada momento [...]”.

Dessa forma, para a autora, a análise de conteúdo antes de se confirmar como um método se apresenta como um conjunto de análises das comunicações, de tal forma que este obtenha o máximo de informações e pertinências, a fim de contemplar o trabalho de pesquisa (BARDIN, 2009).

A análise da pesquisa foi realizada a partir da categorização dos dados que emergiram do contexto investigado. Para a codificação de tais elementos as unidades de registro selecionadas foram: palavra; objeto ou referente; acontecimento e unidade de contexto (BARDIN, 2009). Ainda, alguns conjuntos categoriais foram utilizados *a priori*, quais sejam: Valores relativos ao ego (reconhecimento, agressão, independência, cumprimento, amor próprio e dominação) e valores práticos (sentido prático, possessão e trabalho). A análise dos valores foi utilizada com vista a compreender os valores que direcionam o trabalho em equipe. Outros valores poderiam ter sido utilizados com base nos dados obtidos, isto é, de acordo com a ocorrência nas respostas.

A aprendizagem ocupa papel central nessa pesquisa, sendo o alvo de trabalho da equipe interdisciplinar. Após a leitura das respostas dos sujeitos foi possível identificar as seguintes categorias que orientaram a produção dos resultados da pesquisa:

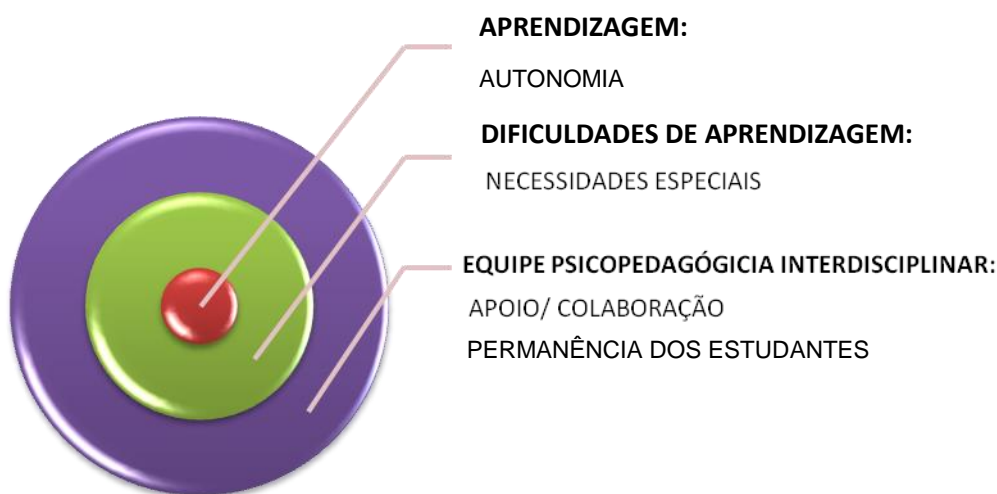


Figura 2- Categorias

Áudio-descrição da figura: Figura com três círculos sobrepostos e circunscritos: o menor na cor vermelha, o intermediário na cor verde e o maior na cor roxa. O maior indica a equipe psicopedagógica interdisciplinar, apoio e colaboração e permanência dos estudantes; o verde indica as dificuldades de aprendizagem e as necessidades especiais; o vermelho indica aprendizagem e autonomia, demonstrando ser o alvo de trabalho da equipe.

4.4 QUESTÕES ÉTICAS

Em relação aos aspectos éticos, cumpre destacar que os procedimentos de coleta foram norteados pelo respeito aos pretensos participantes, na sua liberdade em participar ou não da pesquisa (BRASIL, 2012). Dessa forma, a primeira providência foi a de apresentar aos sujeitos, os propósitos da pesquisa e, uma vez, verificada a possibilidade de entrevistas, foram explicados os seus objetivos, bem como, o compromisso ético, explícito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B).

A pesquisa foi realizada com a equipe de um Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação da Universidade Federal de Santa Maria e foi organizada da seguinte maneira: o primeiro momento constituiu em observações do setor em que atuavam os profissionais da equipe e análise nos documentos do setor, logo após foi realizada uma entrevista sobre as particularidades de cada profissão e questões relativas à aprendizagem e saúde dos estudantes atendidos pelo Núcleo a fim de obter dados para elaborar a dissertação do mestrado. A participação constou de aceitar que a pesquisadora fizesse as observações do setor de atendimento e responder a entrevista.

As entrevistas não foram gravadas em áudio e também não foram utilizadas imagens do setor ou mesmo do participante entrevistado, assim entendido como forma de preservar a identidade dos participantes na pesquisa.

Por fim, quanto ao retorno a cada uma das partes envolvidas, mais especificamente à UFSM, após a defesa será disponibilizada uma cópia impressa da dissertação de Mestrado ao setor de atendimento a fim de socializar aos participantes os resultados da pesquisa. Não menos importante referir, as pesquisadoras responsáveis assumem total confidencialidade dos dados (ANEXO

B). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com número do parecer: 1.149.169.

Após a contextualização do processo metodológico construído para a realização desta pesquisa, o próximo capítulo visa abordar os resultados encontrados, tendo em vista o alcance dos objetivos pautados.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa realizada. Para tanto, inicialmente, se apresenta o campo em que foi realizada a pesquisa, um Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação para em seguida, expor os resultados advindos das entrevistas com os sujeitos participantes. Importa nesse momento referir que algumas respostas são apresentadas em quadros, pois se entende serem estas que caracterizam os profissionais da equipe.

5.1 O ESPAÇO DE PESQUISA: NÚCLEO DE APOIO À APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO



Ilustração: Milton Dias Ferreira Junior

Figura 3 – Universidade Federal de Santa Maria.

Áudio-descrição da figura: Croqui preto e branco da fachada de um prédio com um andar da Universidade Federal de Santa Maria, com indicação numérica 67, no alto de sua lateral direita, o prédio possui três áreas de ventilação (janelas) e uma entrada principal onde estão localizados os Núcleos de Apoio à Aprendizagem na

Educação. Em frente, na entrada principal tem uma escadaria com uma pessoa andando em direção contrária à entrada principal que possuem também rampas de acesso com corrimão e na sua frente tem uma pessoa que usa cadeira de rodas. Na frente do prédio tem indicação de estacionamento com os símbolos internacionais de acessibilidade e entre esses símbolos a palavra idoso.

A história do atendimento ao estudante na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM teve início em 1970 com a ideia de implantação de um serviço de apoio e orientação ao estudante. Em 1973, foi criado, oficialmente, o Serviço de Orientação Educacional – SOE, que se vinculou à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - PRAE, funcionando no prédio da Administração Central. A partir de uma nova estruturação e estatutos da UFSM na época, o SOE passou a ser um órgão suplementar do Centro de Educação (POZOBON et al., 2008).

O trabalho ativo do SOE em toda comunidade universitária e santa-mariense foi realizado até o ano de 1991, quando então foi desarticulada a equipe. Em 1995, ocorre sua reabertura com o nome de Serviço de Orientação Educacional, Psicopedagógica e Profissional do Ensino Superior – SOEPPEs, com uma nova coordenação e outros objetivos. Em 1998, há uma reestruturação do SOEPPEs, que passou a ser reconhecido como Ânima - Núcleo de Apoio ao Estudante da UFSM (POZOBON et al., 2008).

O Núcleo de Apoio ao estudante localizado no prédio 67 se constituiu como um núcleo de ensino, pesquisa e extensão do Centro de Educação da UFSM, contando com profissionais da área da psicologia, da psicopedagogia, da fonoaudiologia, educação especial e pedagogia. Estes profissionais realizam, entre outras atividades, o atendimento psicológico individual aos estudantes que procuram o serviço ou que são encaminhados pelas coordenações de curso e/ou professores, além de intervenções em grupos. Também, nesse mesmo viés, se dispõe a orientar os professores em questões relativas ao processo educativo.

No decorrer desses anos, o núcleo foi estabelecendo novas metas de funcionamento. Atualmente, oferece atendimento pedagógico, psicológico e psicopedagógico. Estes atendimentos visam identificar eventuais dificuldades ou problemáticas do atendido para, em seguida, orientá-lo. Ainda, atentando ao foco dos processos de aprendizagem, o setor viabiliza o desenvolvimento de ações preventivas e criação de espaços que oportunizem a realização de atividades

curriculares e extracurriculares. Também se propõe a trabalhar em cooperação com outros setores e serviços da UFSM, entre eles: Pró-reitoria de Assuntos Estudantis, Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial – NEPES e Núcleo de Acessibilidade.

Conforme a necessidade, o aluno pode participar de mais de uma modalidade de atendimento. O estudante é recebido pelos bolsistas e preenche uma ficha com seus dados pessoais, tipo de atendimento que procura e como chegou até o serviço. Sendo então orientado a aguardar a chamada quando houver horário disponível (POZOBON et al., 2008).

Com o objetivo de orientar e assistir a comunidade universitária (Professores, técnicos administrativos em educação e estudantes do ensino médio, tecnológico e de cursos de graduação e pós-graduação), por meio de uma abordagem interdisciplinar de promoção, potencialização, qualificação e ressignificação dos processos de ensino e aprendizagem cabe destacar a seguir, a função de cada profissional que trabalha nesse espaço da Instituição.

A Pedagogia abrange aspectos referentes à organização do estudante em seu curso, na universidade; o acompanhamento e orientação para o desenvolvimento de trabalhos e planejamentos acadêmicos, e a estimulação à participação dos estudantes nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Já, a Psicologia busca promover um espaço de acolhimento e escuta, auxiliando na identificação e superação de questões psicológicas que podem afetar a aprendizagem e a adaptação à universidade. Para tanto, é oferecido atendimento individual à comunidade acadêmica (estudantes, professores e técnicos), bem como atividades grupais de caráter informativo e preventivo.

A Psicopedagogia, por sua vez, abrange aspectos referentes à autoestima, cognição, personalidade e relações interpessoais, pois muitas das dificuldades estudantis advêm de alguns desses fatores ou de sua associação, interferindo diretamente no desempenho acadêmico do estudante. Através da caracterização da questão interveniente no cotidiano discente, procura-se orientar o estudante quanto a sua forma de estudar, seu local de estudo, as estratégias de que poderá utilizar-se para aprender, possibilitando-lhe a compreensão de seu próprio estilo de aprendizagem, tornando agente de seu próprio conhecimento.

A Orientação Profissional propõe formas para que o sujeito se conheça, percebendo suas identificações e singularidades, analisando suas determinações

para melhor organizar seus projetos de vida. É um processo e, nesse, emergem conflitos, estereótipos e preconceitos a serem trabalhados e superados. Nesse contexto, procura-se situar o jovem no mundo da profissão, do trabalho, buscando minimizar dúvidas e inquietações relacionadas ao profissional.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é "[...] o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente" (BRASIL, 2008, p. 27). É um serviço que se caracteriza por proporcionar metodologias que favorecem a superação das dificuldades de aprendizagem a fim de possibilitar o desenvolvimento das potencialidades cognitivas dos alunos atendidos. O público-alvo do AEE consiste em alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento (transtorno do espectro do autismo) e altas habilidades/superdotação.

Atualmente, a equipe desse setor é composta pelos profissionais Tradutores Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais, Psicólogo e Educadora Especial. Estrategicamente os núcleos de aprendizagem e acessibilidade, estão localizados no mesmo espaço físico, permitindo que as relações profissionais sejam estreitadas pela proximidade e facilidade de acesso. Esta proximidade que se estabelece a partir desse trabalho integrado, permite que mais ações sejam realizadas, como por exemplo: seminários, palestras e minicursos direcionados para a prevenção das dificuldades acadêmicas, formação continuada, orientação aos professores e coordenadores de curso, entre outras. O setor conta, ainda, com representantes dos Centros de Ensino da UFSM por meio da composição de duas comissões, uma Comissão de Aprendizagem e uma Comissão de Acessibilidade.

Os representantes das unidades de ensino nessas comissões, com sua participação, contribuem para que as demandas das questões de aprendizagem e acessibilidade possam ser identificadas e melhor conduzidas no âmbito acadêmico.

Ainda sobre o espaço físico desses setores, durante as observações foi possível perceber que nos horários de maior número de atendimentos, por vezes, a acústica do ambiente atrapalha o atendimento aos estudantes. Estruturalmente o espaço é composto por pequenas salas de atendimento, já que são muitos profissionais atendendo ao mesmo tempo. Importa referir que os horários de atendimento ocorrem nos turnos da manhã e tarde e são marcados em comum acordo com os estudantes e isto por vezes, ocorre simultaneamente tendo em vista

a adequação de horários. Contudo, a sala de intérpretes de Libras é mais favorecida, pois está afastada das demais.

Estas observações são importantes, na medida em que a privacidade dos estudantes necessita ser mantida. Um ambiente que propicie segurança para que o aluno possa expor suas dificuldades, que muitas vezes perpassam por questões pessoais é fundamental para que o trabalho dos profissionais que lá atuam, seja efetivo e eficaz em sua proposta. Assim, a estrutura de um setor como esse, deve garantir privacidade. Preferencialmente as paredes devem ser revestidas com material que permita isolamento acústico para que não haja desconforto e quebra de privacidade nos atendimentos.

5.2 DISCUSSÃO DOS DADOS DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR

Visando alcançar o principal objetivo desta pesquisa: o de conhecer o impacto e as contribuições da intervenção de uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar na Universidade Federal de Santa Maria, é importante citar que as seis primeiras questões estão divididas em três partes, agrupadas em duplas de acordo com a análise categorial por isso não estão em ordem e foram direcionadas para cada área específica, para fins de conhecimento da área e atuação de cada profissional entrevistado. As demais foram comuns a todos os participantes.

O primeiro questionamento visou conhecer as áreas de atuação da equipe e qual a função desempenhada por quem segue a carreira? O segundo questionamento foi: - No núcleo, como é a atuação desse profissional? E, assim, sucessivamente, para cada profissional.

A estrutura de apresentação dos dados seguirá as categorias eleitas para discussão, quais sejam: aprendizagem, dificuldades de aprendizagem e equipe interdisciplinar. Duas outras subcategorias: Reprovações e adequação ao contexto universitário e relação família e docentes, são apresentadas por terem surgido *a posteriori*.

5.2.1 Aprendizagem: Autonomia

A aprendizagem é contínua e perpassa todas as etapas da vida e nesse percurso podemos adquirir problemas de aprendizagem. Confirma-se com esses relatos que a psicopedagogia tem como objeto principal a aprendizagem (Quadro 2). Pensar nesse processo implica conhecer a relação entre aprendente e ensinante. Para Freire (1998, p. 25) “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”.

Quanto à escuta psicopedagógica que o profissional Pp1 se refere, nesse contexto é compreendido como um agente terapêutico primordial para um atendimento psicopedagógico. Nas palavras de Fernandez (2001, p.38):

Nossa escuta não se dirige aos conteúdos não aprendidos, nem aos aprendidos, nem as operações cognitivas não-logradas ou logradas, nem aos condicionamentos orgânicos, nem aos inconscientes, mas às articulações entre essas diferentes instâncias [...].

Ao profissional psicopedagogo cabe uma escuta livre de julgamentos a respeito do que será ouvido, sem interferências pessoais. Essa escuta promove uma interação com o outro que lhe ouve para então oferecer suportes para a compreensão da aprendizagem.

(Pp1) - “Trabalha com o objeto de estudo da aprendizagem. Tudo relacionado ao sujeito e aprendizagem e seus transtornos e dificuldades. É feita uma escuta bem atenta das queixas através de uma conversa. Primeiro, é feita a anamnese, faço testes de leitura e escrita, raciocínio lógico. Tudo vinculado à aprendizagem. ”

(Pp2) - “Uma área que estuda e pesquisa sobre a aprendizagem humana. Sua função é produzir conhecimentos na área. Atua diretamente com os processos de aprendizagem, potencialização, prevenção e assistência no sentido curativo, minimizando as dificuldades de aprendizagens. Atua muito mais no tratamento das causas das dificuldades de aprendizagens. Atua com os estudantes que já vêm com indicativo de dificuldades de aprendizagem, estudantes em exames, quase jubilados, é um público dirigido. ”

Quadro 2: Função desempenhada pelos profissionais Psicopedagogos e atuação profissional, segundo a visão dos sujeitos entrevistados.

Os enfoques preventivo e terapêutico da ação psicopedagógica são citados pelo profissional Pp2. Nesse sentido, Golbert (1985, p.15) refere que:

Uma configuração de atuação que procura, de um lado, prevenir o aparecimento de dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar, pelo estímulo à aprendizagem e ao desenvolvimento e pela orientação a todos os envolvidos nessa relação, e, de outro, tratar as dificuldades já instaladas, centrando sua ação no processo de identificação, análise, diagnóstico e tratamento.

Nesses enfoques, é importante realizar uma avaliação diagnóstica psicopedagógica que leve em conta os objetivos do trabalho para posteriormente elaborar uma proposta de intervenção, envolvendo orientações e encaminhamentos, para assim, programar uma intervenção psicopedagógica centrada na necessidade do estudante.

No questionamento sobre o que é Pedagogia e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira e, ainda, no núcleo, como é a atuação desse profissional, esse profissional respondeu que a pedagogia, por sua vez tem como foco a aprendizagem do estudante:

- P1 - *“Pensada para o setor, tem como foco a aprendizagem. A constituição do curso de pedagogia é voltada para a educação básica; aqui, tudo é voltado para a aprendizagem, tudo que possa contribuir para a aprendizagem”.*

O mesmo depoimento, ainda demonstra a importância do Pedagogo nesse contexto:

- *“Principalmente com os projetos voltados ao ensino e extensão. São dois para o ensino e um para extensão. Coordeno as atividades desenvolvidas nesses projetos, produção de materiais que contribui para a divulgação do setor. São dicas de ações que contribuem para os estudantes, orientações com coordenações e professores que tenham casos específicos com os alunos e orientações gerais do setor. Coordeno as ações dos bolsistas da educação especial, coordeno reuniões pedagógicas sobre ações que estão sendo desenvolvidas com os estudantes, mas apoio mais a educação especial, a organização e administração do setor, levanto dados com relação ao número de alunos atendidos” (P1).*

Nesse depoimento pode-se verificar que a função do pedagogo neste setor está direcionada tanto para as atividades administrativas, quanto para o trabalho especificamente ao estudante. Este fato demonstra a versatilidade e dinamismo necessário para trabalhar nesta equipe, o que denota a necessidade de constante aperfeiçoamento deste profissional.

Em consulta aos dados de atendimento do Núcleo do ano 2015 constatou-se que foram atendidos 103 estudantes na psicologia, 28 para atendimentos psicopedagógicos, pedagógicos e de orientação profissional e 59 na área da educação especial. (RELATÓRIO ANUAL DE AÇÕES EDUCATIVAS, 2015).

Estes dados evidenciam o que já foi abordado anteriormente, no que se refere a um público de estudantes com problemas psicológicos que acabam interferindo diretamente nas atividades acadêmicas. Assim como confirma a necessidade de um apoio mais direcionado para aqueles estudantes que precisam de atendimento da educação especial, por apresentar alguma deficiência ou dificuldade de aprendizagem específica.

5.2.2 Dificuldades de Aprendizagem: Necessidades Especiais

Ao serem questionados sobre quais são as principais dificuldades encontradas em relação à intervenção com estudantes da Educação Superior e, qual é o principal desafio da sua área hoje, os profissionais responderam que:

- Pp1 - *“Nunca tive problema. Dificuldade em função do horário que tem que readaptar para conseguir atendê-los. Faço o que posso, atendo até ao meio dia e estendo até às 19h”.*
- Pp2 - *“Ajustamento às normas acadêmicas surge pela não compreensão desse mundo acadêmico. Embora apareça liberdade, tem normas. A universidade tem muito mais regras que a educação básica e menos presença da família; isso gera mais dificuldades e traz consequências severas. A reprovação é quadro assustador de evasão e traz frustrações, diminui a estima.”.*

Nos apontamentos de Pp1 é possível verificar a necessidade de comprometimento com a profissão. Entretanto, o comprometimento ocorre quando o profissional é feliz no que faz e tem condições ambientais para que seu trabalho seja realizado. Estas condições ambientais se referem à valorização profissional, com salários dignos, uma equipe que trabalha em harmonia, dentre outros fatores importantes para que o profissional se sinta pertencente e responsável pelas atividades que executa no seu ambiente de trabalho.

Já no que se refere a Pp2, as dificuldades parecem estar relacionadas ao entendimento de regras pelos alunos, necessárias também para a organização da e na vida acadêmica. Quanto à evasão e reprovação são temáticas que tem tencionado discussões na área da educação como um todo e é sabido que para reduzir os índices, diversas ações necessitam ser tomadas, ações estas que envolvem adaptações curriculares, responsabilização dos estudantes pelo ato de estudar dentre outros.

Quando questionados sobre qual é o principal desafio da psicopedagogia hoje, o profissional Pp1 garante que o *“reconhecimento da profissão”* é primordial para a profissão, enquanto que para Pp2 o desafio consiste em *“conseguir avançar nos espaços que ainda não são significativos no contexto da universidade. São poucos os professores que reconhecem a necessidade de intervenção e pensam que o aluno tem que se virar sem precisar de intervenções”*.

As falas se complementam na medida em que a falta de conhecimento dos professores acerca do trabalho do psicopedagogo, restringe o encaminhamento dos estudantes para este setor da universidade, o qual poderia contribuir com a redução da evasão, desistência do curso ou as dificuldades de aprendizagem.

PS5 - *“Remete a um cuidado com o outro, uma forma de ouvir sem julgar, mas tenta ajudar a pessoa encontrar caminhos sem interferir nas escolhas dela, a responsabilidade pelas escolhas é exclusivamente dela. Auxilia os estudantes que têm dificuldades de aprendizagem”*.

No que tange a questão relacionada ao o que é Educação Especial e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira e, ainda no núcleo, como é a atuação desse profissional, os profissionais citados contemplam essas questões ao declararem:

Ee2 - “Auxilia que tem necessidades educacionais e perpassa todas as etapas, é um suporte para incluir alunos. Tem a função de contribuir para quem tem necessidade educacional especial, deficiente ou não, e não apenas para o público-alvo definido pela política.”

Ee3 - “Modalidade no Ensino Superior para contribuir não só para o acesso, mas para questões de aprendizagem; é um serviço ofertado no Ensino Superior, no qual desenvolvo o atendimento educacional especializado junto ao estudante, contribuo para sua trajetória acadêmica e faço mediações e reuniões necessárias com os coordenadores e professores, produzo recursos pedagógicos recursos pedagógicos.”

Quadro 3: Função desempenhada por quem segue a carreira de Educador Especial (Ee) e atuação desse profissional, segundo a visão dos sujeitos entrevistados.

As respostas reproduzem o conhecimento dos profissionais atuantes no setor, acerca da Educação Especial e de sua atuação no Ensino Superior, bem como é possível observar, a necessidade de aperfeiçoamento permanente para trabalhar com as diferentes dificuldades de aprendizagem do aluno. Outro ponto interessante a ser ressaltado é a percepção que os profissionais têm em “fazer parte” da vida do acadêmico, possibilitando que ele ultrapasse as dificuldades. As respostas reproduzem para além de questões específicas da atuação profissional, um sentimento de carinho, cuidado e apreço pelo trabalho realizado.

O questionamento sobre qual deve ser a relação entre os profissionais dessa equipe e a universidade e, em sua opinião, a universidade aceita a intervenção dos mesmos, os sujeitos entrevistados responderam que:

- Pp1 - *“Extremamente importante porque tem transtornos, dificuldades e déficits e há dificuldades e ordem natural e de percurso que acontecem quando o estudante entra na universidade porque muda tudo... a metodologia...”*

A entrada na universidade é seguida por uma série de desafios que os estudantes precisam enfrentar nesse novo universo, principalmente quando vêm de outras cidades. Morar sozinho e gerir sua vida, em termos de gastos financeiros, organização temporal, saudade da família, amigos e casa exige maturidade para a

tomada de decisões sadias e a universidade precisa apoiá-los nessa jornada. Com relação a isso Pp2 acredita que *“deve ser uma relação de ajuda mútua nos objetivos dentro do espaço universitário, relação de apoio um ao outro”*.

Dando seguimento às entrevistas, quando questionados sobre o que é Psicologia e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira e, no núcleo, como é a atuação desse profissional, os sujeitos entrevistados explicaram que:

PS1 - “Cada um segue uma teoria, mas a psicologia trabalha com transformações psicológicas. Precisa de um profissional psicólogo para trabalhá-las independente de teorias, ou seja, trabalhar com o que é psicológico [...] Temos o caráter pedagógico e mais psicológico mesmo com uma função mais clínica [...] Pela proposta desse setor, eles vêm com questões relacionadas ao curso [...] Começa a investigação. Aparecem problemas relacionais com quem divide a casa; depressão e ansiedade são os mais presentes porque apresentam tanto no início quanto no final do curso. Aparece ansiedade pela formação e depressão por esse método que tem que se trancar em casa e ficar estudando; esse método na UFSM parece que faz isso... só ficar estudando... muitos chegam trazendo problemas relacionados aos estudos e se desligam das outras coisas, família... baixam a qualidade de vida e negam as outras áreas. Estudam porque é obrigatório, então, baixam a qualidade de vida.”

PS2 - “Ciência do comportamento humano. Auxilia as pessoas a viverem com qualidade de vida, pensar, comportar-se, é bem-estar a si e aos outros. Processo dinâmico nas relações terapeuta e paciente. Aqui, faço atendimento clínico aos estudantes.”

PS3 - “A psicologia TCC – terapia cognitivo-comportamental – trabalha direto com o problema da pessoa. Aqui, a maioria é depressão e ansiedade, o problema maior é isso, é que eles querem ver resultado para ontem.”

PS4 - “[...] é a ciência da ajuda, que se usa da relação eu/tu para produzir saúde tanto no setting terapêutico quanto nos outros ambientes que ela se dizer aplicável [...] faço atividade de estudos, supervisão e atuação na área na terapia cognitivo-comportamental em clínica psicológica. Atendo a demanda do aluno.”

PS5 - “A função do psicólogo vai além dessa. Na minha concepção, o psicólogo

que atende uma pessoa com dificuldade de aprendizagem não auxilia somente nesse fator, porque o paciente chega com outras demandas. A função do psicólogo é atender a pessoa que pede ajuda durante a trajetória acadêmica. ”

Quadro 4: Função desempenhada por quem segue a carreira de Psicólogo (PS) e, como é a atuação desse profissional no núcleo, segundo a visão dos sujeitos entrevistados.

Estas declarações reproduzem a função do psicólogo como cuidador e aponta para uma possível geração de estudantes depressivos e ansiosos. Demonstra ainda que este profissional tem uma função importante com estes jovens, dando suporte para que seus problemas de aprendizagem sejam minimizados por uma melhor organização comportamental.

Contudo, importa salientar que as declarações de PS1 e PS3 reproduzem a realidade do mundo capitalista atual, que exige cada vez mais do estudante maior produção intelectual para melhores condições de competição no mundo do trabalho. Esta organização da ciência atualmente exige que o estudante seja uma máquina e acaba por vezes por prejudicar a saúde mental deste, causando-lhe doenças, como a Síndrome de Burnout, caracterizada por ser o ponto máximo do estresse profissional, pode ser encontrada em qualquer profissão (CAVALCANTE, 2015).

Ainda em relação a essa questão da produtividade, a mesma é intensa para os profissionais da Psicologia, destaca-se que, segundo o relatório anual de atendimentos do setor, só em 2015, 103 estudantes foram atendidos pela equipe de Psicologia, no entanto, se totalizarmos a comunidade da UFSM, a Psicologia fez 1179 atendimentos só no ano passado, dados esses que atesta o quanto esses profissionais são hipersolicitados. (RELATÓRIO DE AÇÕES EDUCATIVAS, 2014, 2015)

5.2.3 Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar: apoio/ colaboração; permanência dos estudantes

Ainda, sobre esse questionamento que vem ao encontro da categoria das dificuldades de aprendizagem a necessidade da equipe de apoio aos estudantes frente a esses desafios, ambos afirmam serem bem aceitos nesse espaço ao

declarem que “*sim*” e ainda para Pp2 “*em minha opinião e na minha atuação é bem recebida*”.

Ao profissional da fonoaudiologia, quando questionado sobre o que é a Fonoaudiologia e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira; e, ainda, no núcleo, como é a atuação desse profissional (Quadro 5).

F1 - “Todas as formas de comunicação, principalmente a falada para quem é ouvinte; a principal função seria a comunicação do ser humano. É um trabalho de recuperação, reabilitação de qualquer função que venha a comprometer a comunicação, aspecto neurológico, questões funcionais das áreas relacionadas à função da fala, audição, processos de leitura e escrita, aspectos de impostação da voz [...]”

F1 – “[...] Quando tem aluno que procura por atendimento fonoaudiológico na parte ligada à linguagem, elas fazem contato comigo e me encaminham. Tem aparecido aluno com sequela de fissura palatina, alunos com traços culturais (tem o R de origem italiana ou alemã). Em função disso, sofriam pressão dos colegas e se sentem constrangidos. Um estudante ficou um semestre inteiro calado, indicaram o setor de atendimento e ele veio, e aí veio à tona a dificuldade de se relacionar [...] foi tendo atendimento psicológico paralelo e começou a trabalhar como bolsista, era bem estudioso e mudou de curso para o qual se identificou mais. Mudou muito, estava pedindo socorro e abriu-se para o mundo, desabrochou. Outro rapaz não conseguia ler textos pequenos, três linhas, assunto sobre futebol, que todo mundo sabe, estava no segundo semestre da graduação, tinha um bloqueio total, começou paralelo com a psicologia, trabalhamos juntos. Iniciei com algumas técnicas e fomos conversando, animando-o, sentava na última classe. Após, leu para os pais, para a noiva... coisa que nunca tinha conseguido. Estava indo super bem, mudou totalmente a relação psicossocial, passou a ter grupos de futebol, grupos de trabalho e liderava o grupo. Nesses dois casos, eles queriam ajuda, eles vieram buscar uma solução. Diferente de quem está na zona de conforto, juntar dois profissionais... a receptividade, alguém ouvi-los e encorajá-los faz toda a diferença, porque eles querem é solução. Diferente quando o professor encaminha, o interesse é outro, obtém mais êxito quando eles procuram separadamente do que quando é indicado por professor.”

Quadro 5: Função desempenhada por quem segue a carreira de Fonoaudiólogo e, atuação desse profissional, segundo a visão dos sujeitos entrevistados.

Esse depoimento deixa claro a necessidade e importância do apoio profissional para os estudantes. O profissional F1 relata situações concretas de estudantes que fatalmente iriam fracassar em sua trajetória acadêmica se não fosse o trabalho realizado pela equipe do setor.

Vale ressaltar que, segundo o relatório anual de ações educativas do setor, só em 2015, 59 estudantes foram atendidos por essa equipe de educadores especiais. Ao total, os educadores especiais atenderam 490 em toda a comunidade acadêmica da UFSM (RELATÓRIO ANUAL DE AÇÕES EDUCATIVAS, 2015).

Sobre a questão referente ao profissional TILS e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira e, na universidade, como é a atuação desse profissional, tendo em vista que a demanda atual traz a necessidade de profissionais tradutores intérpretes da Língua Brasileira de Sinais, atualmente estão matriculados 22 Surdos no Ensino Superior desta universidade, o sujeito entrevistado explicou que:

- TILS1 - *“Segundo a Lei, é a pessoa faz a tradução e interpretação da língua portuguesa ou vice-versa de forma consecutiva e ou simultânea. O papel é traduzir tudo que está sendo falado dentro da língua portuguesa e, quando o aluno surdo falar em LIBRAS, o intérprete faz a voz”. Esse profissional “atua em sala de aula onde há surdos, seminários, congressos, projetos onde há participação dos acadêmicos surdos.”*

Importa referir que muitas vezes os intérpretes de Libras são equivocadamente tratados como professores, que tem a função de ensinar o conteúdo que está sendo ministrado em sala de aula. Contudo, não é esta a função do intérprete e isto fica claro na fala de TILS1.

Em relação aos atendimentos psicopedagógicos, pedagógicos e de orientação profissional, o relatório anual de atendimentos do setor, de 2015 os contabiliza conjuntamente, sendo que, nessas áreas houve um total de 28 estudantes atendidos e o total de atendimentos à comunidade acadêmica, foram de 266 atendimentos. (RELATÓRIO ANUAL DE AÇÕES EDUCATIVAS, 2015)

Demonstrada a necessidade da equipe de apoio aos estudantes frente a esses desafios foi questionado qual deve ser a relação entre áreas e a universidade

e, se a universidade aceita a intervenção desses profissionais, os entrevistados foram enfáticos:, ambos afirmam serem bem aceitos nesse espaço ao declarem que “sim” e ainda para Pp2 “em minha opinião e na minha atuação é bem recebida”.

F1 - *“Extremamente importante. Os coordenadores precisam desse suporte, de como receber um aluno especial” e afirma ser bem aceito nesse espaço.*

Em outros termos, há um consenso entre os profissionais sobre a importância das diferentes áreas atuantes na equipe do setor sobre o trabalho que se propõem a realizar e, segundo as opiniões dos entrevistados suas intervenções são bem-vindas na UFSM.

Sobre qual deve ser a relação entre a Educação Especial e a universidade e, se a universidade aceita a intervenção de um Educador Especial, os participantes relatam que:

- Ee1 - *“É transversal, a universidade tem reservas de vagas, é fundamental, abre a oferta e os alunos vêm, é obrigação legitimada pela Resolução e a UFSM, e tem que dar conta. Tenho que mover o professor, o colega desse aluno com deficiência; a inclusão pode trazer experiências positivas e negativas. Tem que ter responsabilidade quando se abre a vaga porque esses alunos estão chegando cada vez mais. A educação especial na universidade está cada vez mais presente pelas cotas porque na educação básica eles [os alunos com deficiência] já estão.”*

Já Ee2 acredita que a relação deve ser “de parceria” e enfatiza a importância ao citar que *“estamos aqui para ajudar o aluno a compreender como é a dinâmica da universidade, é diferente do ensino básico porque a universidade exige maior independência- auxilia o aluno a buscar independência e autonomia, também orienta a universidade a receber esse aluno”.*

Ee3 foi mais além *“envolve financiamento e administrativo, precisa estar no PPP da universidade porque, se a instituição não prevê, não tem como; envolve gestão política e de relação”.* Entende-se ser uma relação pedagógica por se constituir um espaço de aprendizagem.

Enquanto Ee4 faz relação com o tripé quando se refere da seguinte maneira: *“tem que ser de ensino, pesquisa e extensão. O ensino da LIBRAS deveria ter em todos os cursos, educação especial e inclusiva também, deveria ser um cargo na*

universidade mesmo que tenha cota porque eles (público-alvo) ingressam na universidade mesmo sem cotas. As pessoas pensam que na universidade os alunos chegam sem nenhuma necessidade sendo que a universidade é um mundo tão novo.”

Quanto à aceitação da intervenção de um Educador Especial, houve unanimidade nas respostas ao afirmarem que sim, porém ainda, alegam que as algumas pessoas envolvidas nesse processo desconhecem a sua real função.

Ee2 que acredita que a universidade vem gradativamente favorecendo os processos inclusivos, *“existe um grande movimento, mas existe resistência de pessoas por preconceito ou por falta de entendimento”*. Enquanto Ee4 acredita que *“em termos de coordenação e professores sim, mas a universidade é abrangente; acho que nem conhecem, e o que temos contato aceita, mas nem todos entendem qual é a sua real função”*.

Para Ee1 *“a universidade é formada por várias pessoas, às vezes, ela tem medo ‘como eu vou fazer’, a prática é diferente do discurso, a aceitação é muito boa por parte dos professores; encaminhamos o memorando, vamos conversando e eles aceitam.”*

Sobre qual deve ser a relação entre a Psicologia e a universidade e, se a universidade aceita a intervenção de um Psicólogo, os profissionais acreditam que:

- PS1 - *“Estamos caminhando. Tem o CEIPE, que fica no prédio 74B, prédio da psicologia, que oferece atendimento também e é aberto ao público em geral; temos aqui o Núcleo, que aceitam estagiários. A evolução está clara e esse ritmo me agrada.”*
- PS2 - *“Muito importante à existência de serviços de psicologia. Muitos universitários estão no momento de transição e apresentam dificuldades. Tem alunos que vem de fora, vivem longe da família e precisam gerenciar o próprio ensino, ter autonomia. Fatores como conhecimento, descoberta, experimentações, dificuldades de orientação sexual, abuso de substâncias e também [eles têm que] lidar com as concorrências e a inserção no mercado de trabalho.”*
- PS4 - *“A entrada na universidade e o contexto acadêmico proporcionam muitas mudanças e transformações na vida da pessoa, muitos desafios, e a psicologia é justamente essa ciência que vai ajudar a pessoa a*

compreender esses conflitos e relacioná-los a um todo e produzir saúde e compreender o espaço que ele quer dentro desse local.”

Esta fala remete as considerações feitas anteriormente com o profissional da psicopedagogia, o que torna mais evidente que nesta equipe existe um trabalho conjunto. Seguido pela declaração de PS3 que demonstra que este trabalho ultrapassa as “paredes do núcleo”: *“tem coordenadores de curso que encaminham os estudantes. A universidade precisa dessa relação porque eles veem a diferença do antes e do depois.”*

PS5 frente a esses questionamentos faz uma leitura de sua formação ao declarar que: *“para mim, é uma relação nova porque, na minha formação, apesar de a psicologia prever as áreas humanas, não tinha enfoque na educação e muito menos no Ensino Superior; faltam estudos nessa área no aspecto interdisciplinar com outras ênfases, deixando o molde clínico”*.

Referindo-se a aceitação da intervenção de um psicólogo, todos os profissionais afirmam que “sim”. Na fala de PS2 fica claro por declarar que *“Cada vez, os vários setores têm se mostrado solícitos e demanda serviços”*. Já o profissional PS4 responde *“acho que sim, comparando com todos os contextos da sociedade, a universidade é um espaço privilegiado à abertura dessa prática para promoção de saúde e prevenção”*.

Os profissionais PS1 e PS3 partilham da mesma ideia ao declararem que:

- PS1 - *“[...] aceita sim. Nem sempre ela é solicitada, mas tem aceitação sim”*.
- PS3 - *“[...] sim, alguns cursos sim e tem outros que são mais resistentes”*.

O atendimento, tratamento ou apoio psicológico, seja na academia ou na sociedade em geral, apesar dos comprovados resultados clínicos que referem sua importância, ainda encontra barreiras de aceitação, principalmente em se tratando de cidades interioranas, onde a cultura da “loucura” ainda está presente. Assim, na universidade as diferentes áreas do conhecimento muitas vezes reproduzem esta cultura que reflete na aceitação do apoio aos alunos, professores e técnicos.

Sobre qual deve ser a relação entre a Pedagogia e a universidade e, se a universidade aceita a intervenção de um Pedagogo, a reflexão feita por este profissional foi: *“o que tem dado muito certo é pensar em ações que contribuem com a não reprovação, evasões e dificuldades de aprendizagem. A pedagogia contribui aqui na universidade com essas ações”*. Afirma que a universidade aceita sua

intervenção e embora não faça atendimentos, a universidade apoia essas ações do núcleo por perceberem que contribuem. Além dos estudantes demais estudantes, as coordenações e professores fazem encaminhamentos por acreditarem que esse acompanhamento tem funcionado.

Sobre qual deve ser a relação entre TILS e a universidade e, se a universidade aceita a intervenção de um Tradutor Intérprete da Língua de Sinais, obteve-se a seguinte resposta: *“relação de trabalho. Sou servidora e devo cumprir a ética do servidor e o código de ética do intérprete, deve ser de comprometimento e responsabilidade”*. O Código de Ética (FENEIS, s/d) que o profissional se refere é um instrumento que orienta o profissional na sua atuação. Em seu artigo 1º apresenta que são deveres fundamentais do intérprete:

[...] ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confiante e de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidenciais e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas a ele.

Retomando ao questionamento sobre quais são as principais dificuldades encontradas em relação à intervenção com estudantes da Educação Superior e, qual é o principal desafio da sua área hoje o profissional TILS menciona que tendo em vista o número de estudantes surdos incluídos, existe a necessidade do intérprete, e a universidade entende pela Lei de acessibilidade e pela demanda de surdos na UFSM e existe a necessidade de mais profissionais da área.

Ainda, em relação à tradução e interpretação com estudantes da Educação Superior o profissional explica as especificidades da Língua Brasileira de Sinais ao fazer referência aos sinais e seus significados. *“O que pega bem é a questão de vocabulário e conceito. Minha formação é nas humanas e, quando vou para as exatas, é difícil achar um sinônimo para fazer a interpretação para a LIBRAS; um único sinal posso usar para várias palavras, o vocabulário técnico nem o surdo conhece, e o conceito, ele não tem claro, se tivesse, ele criaria um sinal e passava para a intérprete”*.

A partir da fala desse profissional é importante compreender que as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos. Como língua, possui todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos preenchendo assim, os requisitos

científicos para ser considerada língua, porém demanda prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua, sendo esta uma língua viva e autônoma, reconhecida pela linguística. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Cita ainda vários fatores como, por exemplo: *“a carga horária. Somos poucos. Dar conta de interpretar em cursos diversos sem termos a formação, a questão do vocabulário, sinais...”* e enfatiza a importância do respeito à essa profissão *“precisa que os outros alunos respeitem esse profissional porque precisa de silêncio na turma para passar a informação para o surdo”*.

A universidade apresenta à comunidade da UFSM uma normativa que orienta quanto à atuação do profissional TILS na Universidade visando melhorar a qualidade nos serviços prestados. Entende-se que essa ação repercute diretamente na aprendizagem e nas relações de trabalho tornando-se essencial para todos aqueles que se favorecem do importante trabalho do Tradutor/Intérprete de Libras (PAVÃO, 2015).

O profissional da fonoaudiologia apresenta o ingresso por cotas como desafiador, para ele *“em função das cotas, tem muito desafio, sendo necessário ter um suporte para acolher e acompanhar esses alunos especiais, indígenas e outras culturas”* (F1).

Na Educação Especial as declarações dos profissionais vão se completando na medida em que demonstram o quanto é importante estar atento às demandas apresentadas pelo estudante, o comprometimento do mesmo, bem como a necessidade de compreensão da universidade em relação ao trabalho desenvolvido no núcleo.

O profissional Ee1 diz que a dificuldade consiste em *“pensar no currículo de cada área porque eu não sou formado nos cursos de todos os alunos que eu atendo; muitas disciplinas, tempo do semestre, diferentes professores: é difícil entender o que a disciplina exige deles, então, encaminham para a monitora”*.

A monitoria é um apoio ofertado por estudantes da universidade para os sujeitos que desejam receber apoio em alguma disciplina e também se oferta o apoio à aprendizagem do português para os estudantes surdos. Ee2 cita sua importância ao se referir ao conhecimento das áreas. *“Conhecimento das áreas que estão trabalhando, as áreas do curso que desconheço, fica mais difícil trabalhar. Meu papel não é professora de reforço, mas, se conseguisse, seria mais fácil, oriento que busquem apoio dos monitores e grupos de estudos (Ee2)”*.

Ee3 e Ee4 ressaltam a importância do comprometimento dos estudantes para que o trabalho desenvolvido tenha resultados positivos ao declararem que *“é difícil no sentido de ter acompanhamento contínuo, temos o PADAI – Plano de Desenvolvimento Acadêmico e Individual; quando faltam muito, fica difícil (Ee3)”*.

“O estudante também é responsável pela aprendizagem e desenvolvimento dele, ele precisa saber que não tem quem faça por ele, e isso dificulta a intervenção, é o que tenho percebido nas reuniões, às vezes, o estudante tem consciência disso (Ee4)”.

Ee4 retoma ainda para a necessidade do trabalho em equipe composta por mais profissionais, como por exemplo, um fisioterapeuta: *“Para a intervenção dar certo, a gente precisa de muitos outros profissionais e isso dificulta. Às vezes, o aluno precisa de fisioterapeuta; se tivessem várias especialidades, tudo caminharia no mesmo ritmo ”*.

A Educadora Especial, assim como a intérprete de Libras, muitas vezes é vista como a professora de reforço e verdadeiramente sua atuação ocorre no sentido de dar subsídios para que o aluno aprenda o que o professor da disciplina está ensinando. A declaração de Ee1, Ee2 e Ee4, demonstram a necessidade de um trabalho conjunto com o professor e o monitor da disciplina, bem como de diferentes profissionais de outras áreas para ofertar melhores condições de aprendizado para o estudante.

Além disso, importa ainda ressaltar em consonância com Fernandez (2001), que o aluno é o ator principal de sua aprendizagem, os demais profissionais, cada um com sua função, podem ser os melhores em sua atividade, mas se efetivamente o aluno não está aberto para aprender, esta não se efetiva.

Com relação ao desafio da Educação Especial hoje os participantes relatam que:

- Ee1 - *“Às vezes, o aluno que precisa não vem, uns têm medo, chegam duros; o tempo da universidade é pouco, são quatro meses efetivos no semestre.”*
- Ee2 - *“Fazer com que as outras pessoas entendem que precisam respeitar a especificidade de cada aluno. O principal desafio da educação especial é fazer parceria com professores e coordenadores.”*

- Ee3- *“Conseguir pensar que o estudante da educação especial possa concluir o curso com uma adaptação curricular aqui na universidade. É o desafio da inclusão no Ensino Superior.”*

A Educação Especial é uma área que ainda enfrenta muitos preconceitos, assim como as pessoas com deficiência. Parte da população, mesmo em meio acadêmico, ainda desconhece sua atuação, assim como desconhece a existência do potencial do aluno que se apresenta com alguma “diferença” dos demais. Ee4 enfatiza a necessidade do reconhecimento profissional: *“ser reconhecida como profissão; parece que a graduação é substituível”*.

A respeito das principais dificuldades encontradas em relação à intervenção com estudantes da Educação Superior na área da psicologia, PS1 referiu-se ao ajustamento no universo acadêmico ao afirmar que: *“Tem que seguir o que é proposto pela instituição e se adequar a ela, mas não é simples. Nós vamos buscar qualidade de vida no atendimento psicológico. É difícil conciliar todas as áreas, lazer e estudos, organizar a vida forte na UFSM; tenta-se organizar a vida a partir da UFSM. Isso é claro nos atendimentos, tem uma ligação clara, depois das investigações, que existe uma ligação com esse sistema de produção da UFSM”*.

O profissional PS2 partilha da mesma opinião ao dizer que *“[...] os estudantes já vêm com alguns maus hábitos relacionais, a saúde e o bem-estar psicológicos arraigados, e acaba por dificultar a adaptação a esse novo contexto de vida. Atribui à procrastinação e apoio da família como um fator importante “deixam para depois o que podem fazer hoje”. Uma das principais atribuições é lidar com pessoas em condição vulnerável por não contarem com o apoio da família e da sociedade”*. PS2 percebe que a universidade se torna referência para esse público diferente de alunos que são de Santa Maria ao afirmar que: *“somos referências para eles, o psicólogo auxilia o estudante no desenvolvimento, na organização e a se comportar de forma mais funcional diante dos desafios encontrados nesse contexto”*.

O profissional PS3 faz referência à importância do trabalho em equipe visando o desenvolvimento desses estudantes e diz que os mesmos se tornam resistentes quando encaminhados ao psiquiatra por certo “preconceito” com a área *“há resistência de alguns em aceitar ajuda psiquiátrica; uma coisa é você dizer, outra coisa é você aceitar. Tem casos que só um profissional não resolve”*. A mesma opinião remete a fala de PS5: *“o estudante desconhece a função do psicólogo na*

universidade e já chega com o preconceito, ele tem receio e, por isso, devemos auxiliá-lo nessa trajetória e não julgar”.

O profissional PS4 se apropria da experiência vivida na universidade e se refere à existência de um “sintoma geral” percebido não só no atendimento clínico, mas enquanto colega e aluna que já passou por dois centros e três cursos da universidade. *“É uma certa dificuldade de saber o que realmente se quer e se sentir livre para escolher. Muitos pensadores da psicologia vão dizer que justamente essa dificuldade de ser livre e de se perceber responsável pelas próprias escolhas é a causa de muitas dificuldades ou adoecimento psicológico”.*

Diante dessa situação de escolha, é frustrante para o estudante quando há várias tentativas de ingresso no curso que deseja ou que a família impõe e não o permite poder de decisão. Cabe refletir de forma madura entre as opções de mudar para um curso similar ou seguir insistindo, porém, mudar de rumo pode ser a melhor escolha.

Os profissionais da orientação precisam desenvolver nesse público a capacidade de não desistir e ajudá-los a traçar objetivos sólidos para que possam tomar a decisão mais acertada.

É notório que para os profissionais da psicologia existem as relações de adaptação ao meio universitário, apoio familiar e certeza frente à escolha da formação. Fatores estes que estão diretamente ligados à procura de apoio profissional por parte dos estudantes, porém, é necessário desmitificar os preconceitos arraigados dentro da psicologia e psiquiatria.

Assim estende-se para os desafios da psicologia, o *PS1 acredita que “[...] esse modelo tradicional limita a atuação e o trabalho e os atendimentos que você vai fazer. A psicologia está tentando se expandir, e isso é um grande problema, não se limitar só ao que é tradicional, ao que foi pensado”.*

O desafio maior considerado pelo PS3 é o de *“conseguir dar conta ao máximo dessa demanda, ajudar a sair desse vazio para não preencher com droga. Tem papel na orientação sexual, comportamento... eles não medem as consequências, eles se abrem muito aqui, colaboramos nas dúvidas, e também apresentam questões de abuso”.*

PS4 demonstra preocupação com a dificuldade de uma cultura de implementação de prevenção afirmando que isso reflete no âmbito psicológico. *“A pessoa adulta tem uma certa ilusão de que ela consegue resolver todas as coisas,*

só que, muitas vezes, essas coisas se tornam maiores. Falar em psicologia quer dizer dentro da própria pessoa e não tem como fugir, então, seria estimular esse estudante a criar uma cultura de psicoeducação para a vida. Nosso trabalho é psicoeducar porque estamos no contexto educacional. Isso que vai elencar nosso trabalho com o educador e com o psicopedagógico”.

Percebe-se que novamente está presente a contribuição do trabalho em equipe e se estende para a fala de PS5 que demonstra necessidade de conscientização para um trabalho em grupo “*no trabalho interdisciplinar cada um tem sua formação mais ainda há preconceito por parte dos profissionais á se abrirem as novas experiências o medo de serem julgados, pena porque poderiam aprender muito com outros profissionais e perceber que os sujeitos precisam ser vistos como um todo e não em parte*”. Tal colocação remete a posição de Gadotti e Scoz (1996) citado na página 31 ao apresentar que é necessário dentro da proposta interdisciplinar compreender todas as situações que envolvem a aprendizagem.

Com relação às dificuldades encontradas frente à intervenção com estudantes da Educação Superior, o relato do profissional da Pedagogia P1 enfatiza a importância para o setor “*pensando no setor é a falta de profissionais, a demanda é muito grande e não conseguimos atender a todos*”. Apresenta como principal desafio de sua área a necessidade de “*compreender que a pedagogia e o trabalho do pedagogo vão além da educação básica*”. É visível que a pedagogia no Ensino Superior contribui com a equipe interdisciplinar à medida que consolida processos compartilhados de produção de conhecimento.

Emancipar a pedagogia para além da docência na educação básica é consolidada nas palavras de Tardif e Raymond (2000) ao referir-se sobre a “*abrangência da diversidade de objetos, de questões, de problemas que estão relacionados com seu trabalho, são saberes profissionais diversificados, provenientes de fontes variadas, provavelmente de natureza diferente*”. Isso requer dos profissionais competências para que possam agir situações, a partir da leitura da cultura e das condições de produção do conhecimento que se estabelece entre o ambiente profissional.

Até o presente momento, as perguntas foram direcionadas para cada profissional atuante no núcleo. Nos quadros que seguem são apresentadas as perguntas comuns a todos os participantes da pesquisa.

Quando questionados sobre a importância do trabalho em equipe todos os participantes afirmaram ser muito importante, por isso, e, ainda, dada a riqueza das respostas, foram dispostas no Quadro 6, pois sintetiza o que cada sujeito participante quis enfatizar nas entrevistas:

Pp1 - “Extremamente importante. Trabalha com o estudante de maneira geral, porque a dificuldade de aprendizagem gera problemas psicológicos e a psicopedagogia precisa trabalhar em equipe.”
F1 - “Extrema importância. É a possibilidade que se tem, numa equipe, de assistir um estudante de forma global, onde uma área complementa ou dá suporte para outra.”
Ee1 - “Muito importante. Tenho aluno atendido pelo psicólogo, enfim, conversamos sobre, conseguimos unir, potencializar o trabalho, parece um quebra-cabeça, o colega me ajuda. A troca de experiência e as informações são muito boas, nós nos ajudamos, trocamos atividades e livros, temos reuniões clínicas e compartilhamos informações.”
Ee2 - “Fundamental. fazemos muitas trocas. Cada uma tem uma experiência e ponto de vista diferente, auxiliamos uns aos outros.”
Ee4 - “Dar andamento à intervenção é fundamental para dar equilíbrio tanto para os profissionais da equipe quanto para o equilíbrio do aluno. Por exemplo, se o aluno tem algum aspecto psicológico e pedagógico, não vai andar e [isso] pode frustrá-lo. As trocas de informações e das práticas enriquecem o trabalho do profissional com o estudante; na equipe, pensamos na questão familiar, se influência ou não no desenvolvimento.”
PS1 - “Importância clara que a psicologia tem em seu cabimento que não dá conta de tudo, todas as questões. Importante é pensar que damos conta de tal coisa, mas que precisa de algo a mais, que não só o psicólogo vai dar conta. Quando chega ao limite, na ‘borda’, com os seus companheiros vai além; conversar potencializa isso. ”

PS2 - “Fundamental, haja visto a complexidade do ser humano e suas demandas relacionadas à saúde e à aprendizagem.”
PS4 - “Total. A psicologia parte do pressuposto da promoção de saúde a partir da reação eu/tu. Quando trabalhamos em equipe, trabalhamos na relação nós, é tudo interligado. O diálogo em equipe vai influenciar na qualidade do entendimento e uma compreensão da demanda.”
PS5 - “Muito importante. A troca de experiência e o aprendizado que vão refletir no atendimento aos estudantes, embora eu ache que a troca entre os saberes seja multiprofissional e não interdisciplinar, porque ainda os profissionais têm um caminho longo até chegar à interdisciplinaridade, que é difícil na minha concepção.”
P1 - “Tudo funciona melhor em equipe. Pela experiência que estamos tendo aqui, cada um contribui e alcança o objetivo que vai além do que tinha inicialmente. Quando esse setor trabalhava com menos profissionais, o alcance era menor; agora, com as duas equipes-núcleo e acessibilidade, o alcance é maior na universidade.”
TILS - “Bem importante: ou você é equipe ou não. Partilhamos dores e alegrias, há divergências de opiniões que precisam ser respeitadas, temos sinais diferentes, culturas diferentes, é bem heterogêneo e precisa ser respeitado. Trabalho com pessoas que estão há muitos anos juntas; quando vêm outras pessoas com visão diferente, há choque de ideias e percebe-se o individualismo.”

Quadro 6: A importância do trabalho em equipe, segundo os sujeitos participantes.

E ainda, Pp2 levanta a necessidade de outros profissionais para o setor “*posso identificar a necessidade de um terapeuta ocupacional*”. Enquanto que PS3 explica que na maioria das vezes as outras áreas que encaminha para a psicologia, e percebe a necessidade da psiquiatria ao declarar que “*até hoje, só precisei encaminhar pra a psiquiatria, geralmente, eles vêm de outras áreas*”.

Ee3 menciona uma questão importante ao frisar que além da relação com a equipe é importante a participação dos coordenadores e professores nesse processo, pois, para esse profissional, “*conhecer bem o estudante que estamos atendendo em todos os aspectos, psicológicos, psicopedagógicos, enfim... É*

necessário coordenadores e professores dialogarem com essa equipe e juntos pensarem em estratégias além da nossa percepção para orientar e ajudar”.

A fim de conhecer como acontece a devolução dos resultados obtidos após a avaliação dos profissionais a partir da demanda dos estudantes foi feito o seguinte questionamento: Como são feitas as devolutivas? Cabe destacar que o Profissional Tils não respondeu a essa questão por não fazer atendimento aos surdos.

Pp1 “Diariamente. Sempre tem retomada das queixas e como está andando o atendimento, que dura de 50 minutos a 1 hora, 1 vez por semana.”
EE2 “Eles apresentam a necessidade, são adultos e já sabem o motivo da procurar na maioria das vezes. Ao longo dos atendimentos, percebo outros que têm e vamos conversando no atendimento mesmo.”
EE4 “No final do semestre, faz-se uma conversa; tem coisa que é reiterada e reforçada a cada atendimento, a devolutiva é no processo.”
Pp2 “Nos casos que eu atendi, não houve a necessidade de dar um parecer, salvo casos que precisam de orientação vocacional; geralmente, é verbalmente. Por escrito, refere-se somente para os coordenadores e professores, mas não do caso em si, é do desempenho do aluno e o que ele fará de acompanhamento.”
F1 “No começo se faz entrevista e testes e, na medida em que vou tendo conclusões sobre o caso, dou o retorno e apresento uma proposta de trabalho, o estudante aceita ou não. Comunico o setor se ele vai continuar o atendimento e encaminho a frequência dele. [...] aviso da disponibilidade se quiser retornar para mais algum atendimento, no decorrer vai se definindo o momento do desligamento.”
PS2 “O referencial terapêutico com o qual eu trabalho sempre tem <i>feedback</i> de ambos; é compartilhado em cada seção e, no início do tratamento, são identificados quais objetivos os estudantes gostariam de atingir. Há Leitura do que está acontecendo: a terapia é uma dupla, terapeuta e paciente, para juntos esclarecerem os pontos e formular outros.”
PS5 “Chegam com uma queixa que querem resolver, é uma queixa manifesta. Achem o problema que está incomodando e querem resolver; percebo que sempre tem algo a mais e a partir dela que desenvolvo um plano junto com o estudante sobre o que vamos fazer no período. A devolutiva (desligamento) se dá através do diálogo ao final do tratamento, que é avisado uns três dias antes.”

Quadro 7: Devolutiva dos profissionais da equipe para os estudantes atendidos.

Além da devolutiva, surgiram outras explicações nas entrevistas. Em relação a essas, o profissional Ee1 se questiona sobre a necessidade da presença da família nesse momento *“Nunca chamei a família, fico na dúvida, ele tem que ser autônomo, mas até que ponto a família tem que estar presente? Durante as seções, acontecem às devolutivas, o aluno precisa saber o que está acontecendo com ele; se eu achar que precisa, vou chamar a família. A tomada de consciência é muito importante”*.

Enquanto que Ee3 ressalta a importância do diálogo com professores e coordenadores no momento da devolução *“a cada atendimento, eu explico o porquê da atividade e os objetivos; é uma conversa também do estudante em me dizer o que está achando da atividade, e juntos encontrarmos solução diária. Para os professores e coordenadores, faço reuniões sobre a percepção de cada um para esclarecer dúvidas. Depois que converso com os professores e coordenadores, enxergo muitas coisas que antes não via”*.

No trabalho de PS3 é importante uma avaliação contínua e ressalta que *“[...] todos os meses, faço avaliação com o paciente para ver a evolução. O trabalho com a terapia cognitivo-comportamental requer isso. A partir do trabalho que desenvolvo, vou conversando, não deixo passar muito tempo”*.

PS4 em sua linha de trabalho nomeia a devolutiva de feedback e explica que *“é feito a cada seção sobre aquilo que foi trabalhado. Muitas vezes, retomando coisa de outras seções, desde a primeira, quando a gente encaminha, até o encerramento do trabalho com o estudante. Essa devolutiva é bem importante porque vai ajudá-lo a reconhecer aquilo que teve de benefício no processo terapêutico e todo o trabalho que ele vai seguir fazendo após a saída desse serviço”*.

Nesse momento o trabalho do profissional da pedagogia é muito importante, embora não faça atendimento frente ao estudante P1 explica que seu trabalho consiste em *“construir um memorando juntamente com o profissional que atendeu e enviar para as coordenações se o aluno alcançou ou não o objetivo, se faltou ou desistiu; a coordenação precisa saber se ele desistiu ou não, dar o retorno para quem encaminhou o aluno”*.

Segundo Gomes e Pavão (2013) a devolução é o momento da construção da metodologia de superação do motivo do tratamento, ou seja, é o momento em que se traça o plano de trabalho da equipe com o estudante.

Para perceber a visibilidade que o Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação tem dentro da universidade foi feito o seguinte questionamento aos participantes da pesquisa: os estudantes atendidos no núcleo, em sua maioria, são encaminhados por professores ou procuram por conta própria? Todos os profissionais afirmam que a procura pelos atendimentos de dão por conta própria, porém, Pp1 ressalta que *“há muitos encaminhados por professor”*. PS1, PS3 e PS5 completam ao afirmarem que na psicologia acontecem casos também em que *“por ter um amigo que conhece o setor de atendimento e já foi atendido e indica ‘boca a boca’”*.

As falas dos profissionais que seguem demonstram que o setor está cada vez mais reconhecido e valorizado por toda a comunidade acadêmica, pois o aumento de encaminhamentos por parte de professores e coordenadores comprovam a eficácia dos serviços prestados.

- P1 explica que encaminhamento *“é quando o professor ou coordenador envia uma solicitação informando que o aluno precisa de atendimento”*. Acontece também de *“alguns coordenadores avisarem para o aluno que tem esse atendimento, mas aí é indicação”*.
- PS2 afirma que *“há algum tempo, muitos são encaminhados por professores e coordenações, mas precisam da anuência total dos estudantes. Estamos trabalhando com os coordenadores e professores. Aparecem estudantes com dificuldades de aprendizagem e outras demandas, dificuldades de ordem afetiva e sexual, que impactam na aprendizagem. Quando aparecem esses casos e tratadas as dificuldades de aprendizagem, amenizam e já demonstram sucesso acadêmico. Às vezes, questões de naturezas afetivas, sexual, humor, ansiedade e personalidade. Meu olhar tem sido para a afetividade na maneira de se relacionar”*.

Para os estudantes ingressantes pela cota B os profissionais da Educação Especial explicam que:

- Ee1 - *“O AEE faz o contato por e-mail com os alunos ingressantes pela cota. Já teve aluno por conta própria e outros, o professor mandou, os meus, eu mandei e-mail.”*
- Ee2 - *“A comissão de verificação (DERCA) encaminha alunos ingressantes pela cota B. Fazemos a chamada e conversamos se desejam atendimento, que não é obrigatório. A universidade oferece, mas não é obrigatório, e procuram por ser da cota, e há casos isolados encaminhados.”*
- Ee3 - *“Eu atendo os ingressantes da cota B e 1 (um) por conta própria e outro, foi a coordenadora, a professora e a família.”*
- E4 - *“Na maioria, eles vêm porque enviamos um e-mail chamando-os (cota B) e apresento o serviço.”*

A necessidade para a construção de uma prática de trabalho conjunta oferece para cada área subsídios de ações que contribuem com a qualidade no processo de aprendizagem dos estudantes. Dada a importância das relações entre as áreas do saber foi feito o seguinte questionamento: como o trabalho interdisciplinar encontra alternativa de ações para promover o desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos?

- Pp2 - *“[...] é recomendado no âmbito da psicopedagogia porque se trabalham diferentes conhecimentos e se colabora para o sucesso da aprendizagem.”*
- EE2 - *“Fazemos reunião clínica para tratarmos desses alunos e temos conversas diárias também quando temos alunos em comum. Conversamos para ver se o trabalho está tendo o efeito que gostaríamos.”*
- EE3 - *“Converso com professores e coordenadores e com a equipe, e juntos traçamos as ações, conversamos, mas cada área tem sua especificidade, é um trabalho em conjunto.”*
- PS1 - *“[...] Também a troca de material ajuda, ter os colegas de outras áreas e da psicologia aumenta bastante a capacidade do trabalho.”*

- P1 - *“A partir do momento que entendo que o trabalho que o outro faz em relação ao estudante não é de forma isolada, o trabalho com certeza é melhor. Tem estudantes atendidos por mais de um profissional que pensa junto quais as melhores alternativas e ações para o trabalho com aquele estudante.”*
- Tils - *“Eu nunca acompanhei um aluno surdo. mas é um trabalho bem importante. O surdo também tem problemas de sexualidade, familiar. e esse apoio ajuda bastante para o desenvolvimento acadêmico que o núcleo oferece, é bem importante.”*

Entretanto duas respostas se assemelham em relação ao trabalho realizado pela equipe. São elas:

- EE4 - *“eu não sei se é interdisciplinar, eu acho que é multidisciplinar. Cada um contribui com sua especialidade para o desenvolvimento do estudante.”*
- PS5 - *“Acho uma tarefa muito difícil de ser alcançada. mas estamos no caminho para chegar a esse trabalho; acho que existe um trabalho multi e não inter.”*

Cabe remeter ao capítulo 2 (dois) dessa dissertação para lembrar que o trabalho está pautado em Scoz (1996) onde afirma que “a prática interdisciplinar favorece a integração dos conhecimentos, visando à compreensão de aspectos diferenciados da realidade”. Assim, constatado que a equipe do núcleo realiza ações em que estão presentes em sua prática a troca de informações e conhecimentos entre especialistas de diferentes áreas compreende-se que o trabalho é interdisciplinar.

Um dos questionamentos relevantes dessa pesquisa foi quais são as estratégias utilizadas para que o estudante não abandone o tratamento? Visando entender a dinâmica da equipe para o sucesso acadêmico dos estudantes atendidos pelo setor. Todos os participantes explicaram que entram em contato via e-mail e telefone com os estudantes e completaram:

Pp1 - “Acontece de alguns abandonarem. Tem muitos que têm mais angústias que problemas, esses vêm uma ou duas vezes e abandonam; têm alguns que a gente insiste em resgatar, os bolsistas que chamam. Tem uns que abandonam, mas continuam bem; outros, chamo para conversar, ofereço outro horário porque os horários mudam a cada semestre.”
Pp2 - “Não há uma estratégia. Toda estratégia para manter a sessão terapêutica é exclusiva a cada caso, é sempre trazer à tona o que conseguiu avançar até hoje, ter sempre claro quais os objetivos do tratamento, recordar.”
F1 - “Sempre mostrando os rendimentos, os sucessos, mostrando os contrapontos, como era antes, mostrando os gradativos passos da evolução, estimulando, motivando sempre a trabalhar com a autoestima. Vão se abrindo os caminhos e percebemos e descobrimos o que eles realmente mais precisam e mais querem.”
Ee1 - “Esclarece para o aluno que é um resultado que depende dele. O resultado mostra para ele que é importante; conscientizado da importância de trazer um serviço de qualidade, mando e-mail, mostro que senti que ele não estava aqui; [isso] faz parte de um processo de maturação dele.”
Ee2 - “Através da conversa, porque precisam estar ciente de sua decisão e mostrar a importância dos atendimentos.”
Ee3 - “[...] converso como está o atendimento, converso com os professores para receberem orientações de como adaptar materiais para o aluno.”
Ee4 - “Tento fazer atividades não maçantes, uso jogos para trabalhar com o lúdico e para deixar o trabalho mais agradável, sempre com um objetivo: as atividades que interessam a ele e ao curso dele.”
PS1 - “[...] Dentro das sessões, questiono se está sendo efetivo, o que pode melhorar, o feedback. Estamos falando de relação, não é só o psicólogo sentar e falar, é ouvir o outro, dar espaço para ele falar, que é fundamental na psicologia.”
PS2 - “Promovemos uma escuta a partir de uma psicoterapia. Em qualquer processo terapêutico, existem altas taxas de desistências; aqui, o índice é menor, aqui, escutamos uma escuta diferente, profissional. Avisamos que o serviço não é obrigatório, mas, para ter a garantia do direito, tem que ter, no máximo, duas faltas que precisam ser justificadas, conversamos sobre as regras. Tem fila de espera, porque percebem que é um bom serviço, é comum também pessoas que

recomendam para outros colegas.”
PS3 - “Conseguir suprir as demandas, criar um vínculo bacana paciente <i>versus</i> profissional e não de amizade, tem que ter muito cuidado.”
PS4 - “Entra em contato, o bolsista manda o e-mail dizendo que o serviço o aguarda. Se não houver retorno, espera mais uma semana e, a partir da segunda falta não justificada, entramos em contato novamente e, se ela não retornar, é desligada e chamamos outra.”
PS5 - “É o vínculo de confiança que se cria, porém, tem alguns pacientes que não estão preparados para iniciar o tratamento e isso não impede que, em outro momento, possam dar continuidade.”

Quadro 8: Estratégias utilizadas pela equipe do setor para que o estudante não abandone o tratamento.

Ficou evidenciado que manter uma relação de confiança entre as partes e mostrar a importância do serviço para o próprio desenvolvimento é a base para o sucesso do trabalho da equipe. Para o profissional TILS o envolvimento da família é fundamental:

“Lá na família. Claro que o surdo adulto tem que ter consciência da necessidade dele; se é mais jovem, é importante que a família esteja ciente do trabalho do núcleo e apoiar porque a família não tem consciência e diálogo de que a UFSM é importante para o crescimento. É importante procurar essa informação para dar mais motivação para o aluno. Às vezes, há um choque porque eles pensam que a UFSM é uma coisa e pode ser outra para eles, e as escolas regulares que têm aluno surdo precisa mostrar como é a vida na universidade, que é diferente da escola e que tem uma equipe dentro da UFSM que vai apoiá-lo” (TILS).

Segundo a definição do MEC, no Censo 2009, evasão é: a saída definitiva do curso de origem sem conclusão ou a diferença entre ingressantes e concluintes, após uma geração completa. Há três modalidades de evasão conforme indica o Ministério: desligamento do curso superior em função de abandono (não matrícula), transferência ou reescolha, trancamento e/ou exclusão por norma institucional; evasão da instituição: desligamento da instituição na qual está matriculado; e evasão do sistema: abandono definitivo ou temporário do Ensino Superior. (BRASIL, 2009)

A evasão discente vem preocupando as IES visto que acarretam danos não só pessoais mais também sociais. Para entender as diferentes situações que propiciam esse fenômeno foi feito o seguinte questionamento: Em sua opinião, quais são as principais causas da evasão no Ensino Superior?

Os sujeitos Pp1, Ee1, PS4, Ee2, PS5 concordam com a ideia de que os jovens precisam saber quais são suas habilidades.

Pp1 - “O que eu penso e acredito, é que seja a escolha errada do curso. Já trabalhei com estudantes que queriam abandonar pela dificuldade, mas não abandonaram e concluíram o curso. ”
Ee1 – “[...] a pessoa nunca fez orientação vocacional e não consegue identificar suas áreas de maior interesse [...]”
PS4 - “Não ter parado para pensar no que queria quando iniciou o curso, o que traria satisfação em fazer.”
Ee2 - “Existem várias causas. Imaturidade, escolha inadequada do curso, desconhecimento do que o curso escolhido exige e a persistência que falta nos jovens, também, o despreparo para enfrentar as dificuldades.”
PS5 - “Os alunos entram muito jovens no Ensino Superior e, por isso, não têm escolhas muito bem definidas, chegam à metade do curso com muitas dúvidas sobre o futuro profissional. Chegam no Ensino Superior por imposição dos pais e, como a escolha não é deles, vão se questionar se realmente deveriam estar ali e, por isso, o importante é ter profissionais para atender essas alunos, assim, psicopedagogia, psicologia e educação especial são muito importantes.”

Quadro 9: As principais causas de evasão no Ensino Superior segundo os profissionais entrevistados.

Outro fator relevante citado pelos participantes da pesquisa foi à desmotivação. Enfatizam que ao entrar para a universidade, alguns alunos são motivados pela perspectiva de alcançar melhores padrões de vida, acreditam que graduados terão bom nível salarial e social. Para alcançar esses objetivos, muitos acabam escolhendo cursos menos concorridos apenas pela obtenção do diploma e, no decorrer no curso se frustram optando pela desistência do curso.

- Ee1 – “[...] *o curso não dá o retorno financeiro e social; tem uns em que a evasão é da universidade e não só do curso [...] as pessoas com deficiência, são pelas barreiras [...]*”

- F1 - *“Hoje o aluno tem tudo, assistência moradia... mas ele desiste porque não vem em busca de um curso em razão da sua vocação, não se apega, não está relacionado ao seu interesse [...] muitos deixam de estudar para trabalhar. Às vezes, graduar-se não compensa, existe a desvalorização do mercado e isso acaba influenciando muito na escolha de um curso que pode estar fadado ao fracasso.”*
- PS1 - *“Eu acho que é o desgosto do caráter obrigatório. Você é obrigado a fazer de tal maneira, você vai porque tem que ir. Uma hora cansa, e você não aguenta mais. É importante coisas como orientação vocacional, botar o sujeito dentro daquilo que está fazendo e não algo que estão te passando. A falta do que é do sujeito naquilo que está fazendo faz com ele mude de curso e saia da universidade.”*

A evasão no Ensino Superior é causada por um conjunto de situações que os participantes acreditam ser complexas, dessa forma, conhecer quais as implicações decorrentes da profissão escolhida e do mercado de trabalho contribui para a não desmotivação e abandono no decorrer do curso. Todos os profissionais citaram a importância do teste vocacional representados na fala de PS4.

- PS4 - *“Estamos falando em ensino público; a questão financeira não é um dos principais [motivos], também entramos muito novos na universidade. É uma fase de transformação e construção de identidade, por isso, que, muitas vezes, é um trabalho de orientação vocacional. Tem um nível elevado de autoexigência dos estudantes em corresponder aquilo que o curso exige. Muitas vezes, ele não se dá conta de que, olhando para os próprios valores, pode perceber o que quer, [...] a primeira opção que fazemos é de trabalhar com a orientação vocacional e desenvolvimento de habilidades, testes de afinidades de profissões que vão auxiliar para que ele faça a melhor escolha.”*

5.2.4 Reprovações e adequação ao contexto universitário

Quando questionados a respeito das reprovações e adequação dos estudantes ao contexto universitário, os sujeitos participantes evidenciaram questões diversas, principalmente a diferença da escola em relação à Universidade, conforme TILS:

<ul style="list-style-type: none"> • TILS - <i>“Acho que o choque de realidades. Quando ele entra na escola é diferente da Universidade. Escolhem o curso sem saber o que oferece. Formar para quê? Não tem conhecimento.”</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Pp2 - <i>“Ajustamento ao contexto universitário, não compreensão do mundo acadêmico, a diferente cultura da universidade e o que caracteriza o espaço acadêmico. Há casos em que o estudante reprova por frequência.”</i>
<ul style="list-style-type: none"> • P1 - <i>“A reprovação, muitas vezes, na mesma disciplina, a dificuldade de se inserir no grupo, a incerteza da escolha que fez para cursar, a falta de apoio, nas dificuldades, de professores e coordenadores e instituição, o aluno se sentir perdido, não sabe a quem recorrer na dificuldade.”</i>
<ul style="list-style-type: none"> • PS2 - <i>“As que eu identifico e a literatura aponta são a falta de identidade do universitário; por alguma razão, os estudantes falham nessa construção. Às vezes, problemas emocionais ou dificuldades de outra natureza, cultura universitária, timidez, sentido de pertença, sentir-se parte – alguns não conseguem. Quando não pertencem a um grupo, as dificuldades de aprendizagem não aparecem, não pelo cognitivo, mas por fatores afetivos, financeiros e de saúde. Também é falta de cuidado da família que está longe.”</i>

Quadro 10: Reprovações e adequação dos estudantes ao contexto universitário segundo os profissionais entrevistados.

Os sujeitos participantes foram enfáticos ao explicitar questões como ajustamento ao contexto universitário, não compreensão do mundo acadêmico, a diferente cultura da universidade e o que caracteriza o espaço acadêmico, a

dificuldade de inserção no grupo universitário, a incerteza da escolha que fez para cursar, ausência de identidade do universitário e até mesmo o sentimento de pertença desse estudante.

Enfim são fatores que, muitas vezes determinam reprovações desses estudantes, justamente por ainda não conseguirem se adequar ao contexto universitário.

5.2.5 Relação família e docentes

A relação família e docentes no contexto universitário são estranheza para muitos sujeitos, pois em muitos aspectos a família é ausente e não se envolve, a falta de diálogo com o professor e sala de aula, outros são induzidos pela família a escolher determinadas profissões, conforme PS3:

- PS3 - *“Muitos são induzidos pela família na escolha da profissão, são novos e não sabem o que querem, e, em muitos cursos, é a questão dos professores mesmos.”*
- Ee3 - *“Acredito que é pelo próprio aluno não ter um diálogo com o professor na sala de aula. O professor assumir uma dificuldade e a falta de abertura dos professores [para] pensarem outra forma de aprender [por parte] dos estudantes e eles desestimulam.”*
- EE4 - *“Pode ser por não ter o apoio e o envolvimento da família; o público da cota por tere mais dificuldade demora mais a se formar e acaba evadindo, não compreendem que o comprometimento deles implica a aprendizagem e precisam se comprometer com o acompanhamento também. Também o bullying e a exclusão por parte dos colegas e professores, adaptação ao meio e ao curso e quando encontram barreiras arquitetônicas e atitudinais.”*

O entrevistado EE4 traz a ausência do apoio da família, as dificuldades que muitas vezes o estudante que se insere na universidade por meio da política de cota e acabam evadindo.

No que diz respeito à acessibilidade pedagógica a Portaria Normativa Nº 14, de 24 de abril de 2007, dispõe sobre a criação do "Programa Incluir: Acessibilidade na Educação Superior", que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida e, que no seu artigo 24, determina que os estabelecimentos de ensino de qualquer nível, etapa ou modalidade público e privado, proporcionarão condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes ou compartimentos para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida inclusive salas de aula, bibliotecas, auditórios, ginásios instalações desportivas, laboratórios, áreas de lazer e sanitários.

Ainda, considerando o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005) que dispõe sobre o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e estabelece que os sistemas educacionais devem garantir a inclusão do ensino de LIBRAS em todos os cursos de formação de professores; considerando a necessidade de promover a eliminação das barreiras atitudinais, pedagógicas, arquitetônicas e de comunicações que impedem ou dificultam o acesso das pessoas com deficiência a educação, em cumprimento a legislação vigente, resolve: Art 1º Criar o Programa Incluir: Acessibilidade na Educação Superior que consiste no fomento a implantação e/ou consolidação de núcleos de acessibilidade que promovam ações para a garantia do acesso pleno às pessoas com deficiência, constituindo uma política de inclusão que torne acessível o ambiente físico, portais e sítios eletrônicos, os processos seletivos, as práticas educativas, as comunicações e as avaliações, dando respostas concretas às diferentes formas de exclusão (BRASIL, 2013).

É importante referir que o Núcleo de Acessibilidade se vincula ao Programa de Acessibilidade na Educação Superior (Programa Incluir) (BRASIL, 2013), do MEC, que foi criado no ano de 2005 objetivando fomentar a criação e a consolidação de Núcleos de Acessibilidade nas universidades federais. Os Núcleos de Acessibilidade visam garantir o acesso pleno de pessoas com deficiência às Instituições Federais de Ensino Superior, promovendo a transversalidade da Educação Especial, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996) e na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

A UFSM, a partir da Resolução nº 011 de 2007 (UFSM, 2007), implementou o Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Social e Racial, passando a reservar 5% das vagas do concurso vestibular para estudantes com deficiência. Nesse mesmo

ano, preocupados com a garantia da permanência, da aprendizagem e a conclusão dos cursos desses estudantes na Universidade, foram criadas a Comissão de Acessibilidade e o Núcleo de Acessibilidade. Nesse sentido, o Núcleo de Acessibilidade entende que é necessária a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, pedagógicas, atitudinais, nos transportes, nos meios de comunicação e informação. Para tal, desenvolveu no ano de 2014, ações em diversas frentes, que perpassam os segmentos da acessibilidade, na direção de ações de conscientização da comunidade em geral até o atendimento educacional especializado. Atendendo ao Regulamento interno do setor, no Art. 17, a equipe do Núcleo de Acessibilidade apresenta o relatório de atividade do ano de 2014.

No artigo Art. 17. a lei explicita que compete ao Núcleo de Acessibilidade, entre outras: I - efetuar cadastro dos discentes ingressantes pela Ação Afirmativa - Cota B; II - realizar acompanhamento didático-pedagógico dos discentes ingressantes pela Ação Afirmativa - Cota B; III – realizar acompanhamento didático-pedagógico a discentes e servidores da UFSM, que apresentam algum tipo de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, que solicitarem cadastro no Núcleo de acessibilidade ou forem encaminhados por outras unidades. IV atuar no desenvolvimento de estratégias que assegurem que discentes e servidores com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, tenham garantidos seus direitos institucionais V - Organizar cursos de extensão universitária, capacitação, seminários ou eventos, que tratem da temática da Acessibilidade, para a comunidade interna e/ou externa da Instituição. VI- Elaborar o relatório anual das atividades do Núcleo de Acessibilidade e encaminhá-lo ao Reitor. (UFSM, Relatório de 2014, núcleo de acessibilidade).

Dessa forma a acessibilidade pedagógica deve proporcionar acesso ao currículo e requer:

- Adequação nos materiais didáticos e pedagógicos,
- Adequação nos mobiliários e equipamentos,
- Adequação de objetivos,
- Adequação de conteúdos,
- Adequação de métodos e didática,
- Adequação nas avaliações,
- Adequação de tempo,

- Os estudantes e servidores surdos são acompanhados por profissional intérprete de LIBRAS.

- Empréstimos de materiais para estudantes e servidores: notebooks, gravadores, lupas e ampliadores eletrônicos, bengala.

Os estudantes têm o direito a avaliações e materiais adaptados a sua necessidade. Para além desses recursos e adaptações, é necessário que os docentes adequem métodos de ensino e práticas com os estudantes com e sem deficiência a fim de atender a especificidade de cada um. Visando conhecer como a universidade Federal de Santa Maria enfrenta esse desafio foi questionado: No seu ponto de vista, a universidade proporciona a acessibilidade pedagógica? As opiniões foram variadas, 2 (dois) acreditam que sim, 1 (um) acha que é pouco e os demais acreditam que a universidade está à caminho porém é um processo difícil e que depende de docentes e coordenadores. A maioria dos profissionais acreditam que a universidade se preocupa com essa questão, porém há muito o que conquistar e completam:

- Pp1 - *“A maioria dos estudantes, a gente incentiva a procurar os professores, e [isso] tem bons resultados, os professores estão preocupados, mas têm algumas exceções.”*
- Pp2 - *“Estamos nos primeiros passos, é um dos níveis mais avançados do conceito, estamos caminhando para... A garantia se dá pelo cumprimento da legislação e não para conhecimento.”*
- F1 - *“Recentemente está começando um processo de acessibilidade pedagógica e tem muita coisa para a gente aprender, contribuir, em termos do que é melhor para receber o estudante.”*
- EE1 - *“A universidade é uma grande estrutura, para alguns alunos sim, e outros não, a pedagógica acontece na sala de aula, na biblioteca não sei se consigo responder... Falta informação, formação continuada dos professores... Não adianta o reitor emitir uma nota... é um olhar bem*

complexo, vai passar por vários elementos... pedagógico, é muito amplo. Já avançamos muito, mas acontece em cada aula.”

- EE2 - *“Sim, mas não em todos os curso; tem curso que não se consegue pela sua complexidade, é uma caminhada que se busca.”*
- EE3 - *“Pouco.”*
- EE4 - *“Em parte, se for para todos os tipos de deficiência, não dá total acessibilidade. Quem é o profissional responsável pela acessibilidade pedagógica? Esse cargo existe na instituição? A acessibilidade depende do que temos à disposição de recursos e profissionais.”*
- PS1 - *“Ela tenta, consegue proporcionar algumas coisas, mas não é o suficiente não.”*
- PS2 - *“Está em processo de oferecer. A pedagogia deve ser acessível a todos, não só às pessoas com necessidades; e alguns professores e coordenadores se mostram mais sensíveis e outros, por questões pessoais ou históricas, em sua área de conhecimento, tornam-se mais resistentes, mas estão pouco a pouco aceitando. Já fui convidado a conversar com os estudantes.”*
- PS5 - *“Em determinado ponto sim, porém, acho que para que haja acessibilidade pedagógica existem vários fatores que influenciam, como políticas públicas, formação profissional e profissionais que estejam dispostos a desempenhar um auxílio aos estudantes; é um conjunto de fatores.”*
- TILS - *“Na realidade da UFSM, houve uma grande preocupação dos coordenadores com os alunos do curso se vão ter intérpretes. O Setor se preocupa, oferece apoio para os surdos e o português para surdos.”*

PS3, PS4, P1 acreditam que “sim” e P1 segue completando:

- P1 - *“Hoje, pelo que conheço das ações do núcleo de acessibilidade, sim, o núcleo faz o trabalho desde o ingresso desses estudantes, identifica a necessidade e repassa para a coordenação e professores. Ainda não está no ideal. Tem professores que têm dificuldade para mudar seu planejamento e a didática para atender a necessidade de um aluno específico.”*

A inclusão educacional requer que as IES promovam ações de acessibilidade para que os estudantes possam permanecer e concluir seus estudos pautado em um ensino adaptado às diferenças individuais, que favoreçam o processo de aprendizagem dos acadêmicos com deficiência ou que necessitem de adaptações no decorrer desta trajetória.

Pensando no público-alvo da Educação Especial questionou-se: Em sua opinião os professores estão preparados para atender o público da Educação Especial ou com alguma dificuldade de aprendizagem?

- Pp2 - *“Gradativamente, os professores estão aprendendo a lidar com a diferença, reconhecem a necessidade de uma formação continuada no campo da inclusão.”*

F1 levantou questões como:

- F1 - *“A maioria não está preparada. Existe a queixa em relação ao tratamento na relação professor X aluno. Não só ao deficiente, mas, no noturno, o aluno que precisa trabalhar é diferente. A graduação supõe que o aluno passou no vestibular, mas eles não sabem leitura e escrita e tem professor que tem dificuldades. Antigamente, as turmas eram mais parelhas na educação, e o aluno do noturno é um aluno diferente dos que frequentam o diurno. Esse público precisa de um olhar diferente, eles não têm acesso a tudo na universidade igual ao diurno, [há] problemas na iluminação, [nos] horários de ônibus e biblioteca, [no] acesso à reitoria...”*

- EE1 - *“Alguns sim, alguns não. Alguns têm medo. Alguns conduzem o processo inclusivo muito bem, tem professor que não é.”*
- EE2 - *“É uma discussão sobre a formação dos professores, mas, quando recebem o aluno, na sua grande maioria, demonstram preocupação para ajudá-lo; alguns dizem que não sabem o que fazer.”*
- EE3 - *“Não estão preparados, precisam de orientação e nós temos que tentar contato com os professores e estar sempre dispostos a ajudar, orientá-los. Os professores precisam disso e não se sentir sozinhos.”*
- EE4 - *“Todos não. Alguns até procuram uma formação continuada na área.”*
- PS1 - *“Alguns tentam algumas coisas, outros não. Tentam, mas acho que a maioria não.”*
- PS2 - *“Não. Há uma melhora, ainda há o que melhorar. Muitos professores não estão preparados para exercer a função. Não tiveram formação de educador.”*
- PS3 - *“Penso que não, porque eles trazem essa queixa, eles precisavam ter um curso... são poucos que conseguem aceitar o diferente.”*
- PS4 - *“Não, em geral não. Há mais ou menos duas gerações de professores, perderam-se muitas referências no sentido de transformações que a educação sofreu nos últimos anos no Brasil e, nesse processo, a psicologia explica que, se você perde um referencial para colocar outro no lugar, é preciso uma capacidade de resiliência, reacomodar o conhecimento sobre a prática do professor, e a psicologia se faz necessária nesse contexto, e não só para os alunos.”*

- PS5 - *“Depende, não, nem todos; engloba questão subjetiva de cada profissional, não só matéria, depende se o profissional está disposto para esse processo.”*
- P1 - *“Sozinhos, eu acho que não. Principalmente porque temos muitos professores que não têm formação pedagógica; alguns têm formação técnica (bacharelado, mestrado e doutorado) e têm uma dificuldade maior.”*
- TILS - *“Eu acho que não. São poucos os professores que se preocupam e que buscam informações. Às vezes, o aluno é um ser invisível para o professor.”*

Quando questionados se os entrevistados consideram que os estudantes atendidos pelo núcleo saem com um nível de aprendizado satisfatório?

- Pp1 - *“Sim, no meu trabalho tenho sucesso, são quatro anos de trabalho.”*
- Pp2 - *“Sim, aqueles que buscam geralmente conseguem avançar e concluir os estudos porque sentem-se apoiados, prestigiados; o acolhimento traz tranquilidade e com isso se consegue aprender melhor.”*
- F1 - *“Não saberia falar no núcleo, mas, da minha experiência, os que procuram, aceitam [e] obtêm um nível de satisfação.”*
- EE1 - *“Ele avança pelo atendimento e pelo próprio processo de estar na universidade, tem avanços no trabalho e também ambientais; é um processo subjetivo a construção e do sujeito; tem pessoas que passam pelo situação e não conseguem; é fundamental ter o serviço, mas o impacto dele é do sujeito.”*

- EE2 - *“Saem. Estão no processo, e temos trabalhado para que isso aconteça; em alguns casos, é notório, depende do ritmo de cada um.”*
- EE3 - *“Sim, mas não é aula de reforço com relação ao conteúdo. Trabalho habilidades para o aluno conseguir desenvolvê-las, ensinar a se organizar com a rotina. Tenho o retorno deles, que se sentem bem melhor e mais seguros para tirar dúvidas do conteúdo em sala de aula.”*
- EE4 - *“Totalmente não. Às vezes, nem eles sabem o que querem, mas alguns sim, porque sabem o que querem em termos de aprendizagem; vai do profissional e do acadêmico. Se o aluno tem objetivo claro para ele e não para a família, sempre vai extrair o máximo da aula e dos atendimentos.”*
- PS1 - *“Contribui para o aumento da aprendizagem; se é satisfatório ou não é difícil dizer, mas contribui para o aumento sim.”*
- PS2 - *“De funcionamento. A aprendizagem, quem vai avaliar são os cursos, mas o nível de melhor adaptabilidade, acredito que sim, mais funcional para a vida, conseqüentemente, para a aprendizagem em todos os contextos.”*
- PS3 - *“Considero que sim.”*
- PS4 - *“Quando eles se comprometem com o tratamento, sim. Existem dois lados, o meu enquanto profissional e o dele em mostrar comprometimento em contribuir. É uma questão de cultura porque muita gente pensa que a psicologia só trabalha com transtorno. Só trabalhamos com o transtorno porque a pessoa espera desenvolver um transtorno para procurar ajuda psicológica, é preciso se tornar uma*

peessoa realizada e não buscar um conceito de felicidade e sim realizações diárias e ter coerência com seus valores.”

- PS5 - *“Vão ter mais capacidades para saber lidar com as dificuldades.”*
- P1 - *“Acredito que pelo trabalho em conjunto dos núcleos percebe-se que o acadêmico melhorou; não sei dizer se satisfatório, mas a gente contribui, depende de cada caso.”*
- TILS - *“Eu não sei como está à demanda com relação ao atendimento, e, de como saem, não tenho clareza para responder, acho que os alunos podem responder melhor”.*

Para finalizar os questionamentos perguntou-se como se sentiam como membro da Equipe que trabalha com Práticas Psicopedagógicas com os alunos com dificuldades de aprendizagens, deficientes ou não. Percebeu-se que os participantes expressaram sentimentos positivos por contribuir com o processo de aprendizagem, com a construção do conhecimento dos estudantes, além de apoiar coordenadores e professores. Além disso, ressaltaram a ajuda mútua que o trabalho em equipe proporciona e, também enfatizaram ser uma profissão necessária no Ensino Superior.

Pp1 - *“Muito gratificante. Fico realizada em ver o sucesso dos estudantes, de como chegam e como saem. Existem recaídas, mas todos os casos que não abandonaram tiveram resultados. Alguns abandonam porque ficam bem; outros porque não querem mais. Muitos abandonam e percebem que fez bem e querem retornar ou, por indicação de colegas que deram certo, retornam.”*

Pp2 - *“Muito bem. Gratificada, porque minha formação inicial prevê esse tipo de atuação, e poder desempenhar meu trabalho com essas questões é motivo de gratificação profissional, ver o quadro de melhoras.”*

F1 - *“Sinto-me motivada e preocupada em dar as melhores condições para esse público, porque eles são poucos conhecedores dos serviços disponíveis também.”*

EE1 - “Muito bem, gosto muito de vir aqui trabalhar, temos um clima bom, as pessoas têm abertura, não me sinto com pressão, sou bem orientada aqui. A equipe é muito importante, tu tens que ter o tu lugar, mas o respeito e a relação têm que ser muito bons, o respeito e a troca são fundamentais.”
EE2 - “Muito bem, a equipe é muito boa de trabalhar. Todo mundo tem como objetivo principal possibilitar que essas pessoas estejam na universidade, cada um faz seu papel.”
EE3 - “Sinto-me muito bem e realizada. As pessoas estão sempre dispostas a ajudar, o colega sugere atividades, indicam... é desafiador para minha formação, é um grande aprendizado.”
EE4 - “Ocupando esse espaço no Ensino Superior me sinto bem. É uma profissão necessária também no Ensino Superior. A gente contribui muito e aprende muito, somos constantemente contemplados por aprendizagens. A gente faz parte de quase um marco histórico, porque a gente não é reconhecido como profissional, eu percebo essa necessidade, e quando vamos falar com os professores, a gente só comprova a necessidade desse profissional para os professores e alunos, pensando em estratégias para o aluno e [para a] aprendizagem dele.”
PS1 - “Considero-me confortável e suportável (suporte) que te habilita a mais coisas, é importante não está desamparado, o teu fazer de psicólogo fica mais rico, é legal também que tenha o movimento de várias áreas.”
PS2 - “Bem, muito à vontade para contribuir com os saberes da psicologia na construção da aprendizagem dos estudantes juntamente com outras ciências; sinto-me bem ouvido e bem escutado pelos colegas.”
PS3 - “Muito lisonjeada. É um trabalho satisfatório pelo retorno do reconhecimento do teu trabalho, é tudo. O resultado é quando o outro percebe a diferença nessa pessoa.”
PS4 - “Sinto-me muito bem e admiro o trabalho da equipe. Observei o quanto cada um se empenha e é bem ético no que faz, cultiva um ambiente de respeito, empático e acolhedor; isso faz toda diferença, psicologicamente falando, para a qualidade do trabalho. É um trabalho muito bem feito, que busca acolher bem essas pessoas em um espaço autêntico dentro da UFSM, independente de serem alunos especiais ou não, não são categorizados, são

todos acolhidos da mesma forma.”
PS5 - “Sinto-me bem, há um aprendizado porque há troca de experiência. Eu venho de uma modalidade clínica mais fechada e, para mim, estou aprendendo, e [isso se] reflete nos atendimentos com os alunos.”
P1 - “Acredito que todos os profissionais que compõe a equipe são essenciais, cada um contribui com a formação da sua área para pensar esse contexto da aprendizagem, acessibilidade do estudante.”
TILS - “Sinto-me bem. É uma equipe dentro das suas especificidades, cada um com sua formação. Quando busquei tirar dúvidas, fui bem atendida, é uma equipe bem dinâmica e receptiva. Desde a chefia até o porteiro, há uma preocupação em atender e passar as informações quando precisa. ”

Quadro 11: Sentimentos dos membros da Equipe que trabalha com Práticas Psicopedagógicas em relação aos estudantes com dificuldades de aprendizagens, deficientes ou não.

5.3 EQUIPE INTERDISCIPLINAR: DOS VALORES DO EGO AOS VALORES PRÁTICOS

Conforme proposto por Bardin (2009) com vistas a uma análise de conteúdo com base em valores, podem ser considerados valores relativos ao ego: reconhecimento, agressão, independência, cumprimento e dominação. Os valores práticos, foram categorizados em: sentido prático, possessão e trabalho. Sendo assim, a partir das análises das entrevistas foi possível uma análise dos valores da equipe (Quadro 12)

Bardin (2009) explica que o receptor, ao receber a mensagem, estuda sobre ao que ela se destina. Assim, com o intuito de compreender o interior das categorias gerais interpretou-se todo o material coletado das entrevistas individuais que possibilitaram alcançar uma variedade de impressões e percepções demonstradas no Quadro 12, pela possibilidade de analisar alguns valores mais presentes na equipe interdisciplinar. Nessa análise registraram-se alguns valores contraditórios tais como os de possessão e independência. Isso sugere que ação da equipe é caracterizada ora pelo natural sentido da ajuda, ou pelo sentido do trabalho propriamente dito que cuida demasiado da pessoa, e isso pode ser vivido como

uma possessão e ora por quere contribuir com o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos em acompanhamento terapêutico com essa equipe.

Ainda, associado ao quadro comparativo foram elencadas as três categorias que são nomeadas: Aprendizagem (A); Dificuldades de aprendizagem (DA) e Equipe Psicopedagógica (EPp) buscando uma possível relação com os valores práticos e do ego favorecendo a compreensão e identificação das categorias afetas ao conteúdo manifesto.

Participantes	Conteúdo manifesto nas unidades de registro	Práticos	Ego	Categorias
Pp 1	Sujeitos; Estudo da aprendizagem	Sentido prático, trabalho	Reconhecimento. Independência. Cumprimento.	A
Pp 2	Aprendizagem Produção de Conhecimento	Sentido prático, possessão e trabalho	Cumprimento.	A
Ee 1	Atendimento Educacional Especializado; Permanência dos Estudantes	Sentido prático, possessão e trabalho	Agressão. Independência.	EPp
Ee 2	Suporte; Contribui com quem tem Necessidades Especiais	Sentido prático, possessão e trabalho	Independência. Cumprimento.	EPp
Ee 3	Contribuição; Aprendizagem	Sentido prático, possessão e trabalho	Independência.	A
Ee 4	Habilidades; Formação continuada pessoal e	Sentido prático, possessão e trabalho	Independência.	EPp
F 1	Comunicação do	Sentido	Agressão.	A

	Ser Humano	prático		
P 1	Aprendizagem; Todas as formas de Comunicação; Contribuição	Possessão	Reconhecimento.	EPp
Tils 1	Traduzir tudo que está sendo falado; Cumprir com o Código de Ética	Trabalho	Independência.	A
Ps 1	Psicológico; Transformações Psicológicas	Trabalho	Independência.	DA
Ps 2	Processo Dinâmico; Auxílio	Possessão e trabalho	Reconhecimento.	DA
Ps 3	Terapia Cognitivo Comportamental; Problema da Pessoa	Sentido prático, possessão e trabalho	Agressão.	DA
Ps 4	Ciência da Ajuda; Produzir Saúde	Sentido prático, trabalho	Reconhecimento.	EPp
Ps 5	Cuidado Ajuda	Possessão	Independência. Cumprimento.	EPp

Quadro 12: Valores da equipe.

Com essa análise, pode-se ressignificar o princípio de acompanhamento terapêutico que a equipe conduz. Inicialmente por demarcar uma contradição, isto é, há pessoas na equipe que entendem o processo terapêutico como uma ajuda a alguém que não pode ser independente e, há integrantes dessa mesma equipe que encaminha o processo terapêutico com vistas a uma autonomia do sujeito. Naturalmente, deve-se salientar que a análise de valores de uma equipe requer um novo, detalhado e criterioso estudo que conduza a novos encaminhamentos.

CONCLUSÃO

Esta dissertação se pautou na busca por compreender como acontece a inclusão dos estudantes com e sem deficiência, mas, que durante seu percurso, na Educação Superior, necessita de atenção especial e apoio especializado.

Em virtude dos avanços na educação, são grandes os movimentos na tentativa de ofertar uma formação de qualidade. Pensando nisso, apresenta-se como objetivo geral conhecer o impacto e as contribuições da intervenção de uma Equipe Psicopedagógica Interdisciplinar na Universidade Federal de Santa Maria, visando ampliar o conhecimento acerca da Educação Especial no contexto do Ensino Superior.

Diante disso, grandes são os desafios enfrentados pelas IES por ser um espaço marcado pela sua diversidade. É urgente a necessidade de repensar em práticas de ensino na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, sendo necessário conhecer o estudante, sua realidade, suas características e necessidades visando ações de intervenção que possam ajudá-los a superar as dificuldades e alcançar melhores níveis de aprendizagem sendo eles deficientes ou não.

A Universidade Federal de Santa Maria conta com o trabalho do Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação, portanto, os objetivos específicos visaram apresentar as contribuições da Equipe a qual trabalha com práticas psicopedagógicas que atende aos universitários com deficiência ou não e dificuldades de aprendizagem; identificar, por meio das reuniões que o núcleo faz com professores e coordenadores, as especificidades e as possibilidades de interação entre professor, estudante e universidade no contexto acadêmico, no que tange às práticas psicopedagógicas; descrever a realidade de aprendizagem dos estudantes em atendimento pelo setor e; caracterizar o funcionamento de uma equipe.

Ao chegar ao final dessa etapa de elaboração desta Dissertação de Mestrado, é importante realizar uma síntese dos principais achados da pesquisa realizada, por serem eles conclusivos no entorno dos objetivos pautados. A isso e, diante das razões expostas no decorrer desta pesquisa, pensando-se no Ensino Superior, em primeiro lugar, é fundamental acentuar que é urgente a necessidade dos serviços de

uma equipe interdisciplinar de apoio aos estudantes com deficiência ou não. Essa equipe deve ter característica central os aspectos psicopedagógicos.

A psicopedagogia parte do princípio de que o sujeito aprendente autoriza alguém a lhe ensinar e transmite a ideia de movimento em uma relação de reciprocidade entre aprendente e ensinante. Nesse sentido, ao sujeito aprendente, no Ensino Superior, cabe autoavaliação e questionamentos, tais como: “Como cheguei? O que eu sabia? E como saio desse espaço de ensino universitário?” Esse movimento precisa de direcionamentos. Por vezes, os obstáculos ficam maiores que os desejos, cabendo ao docente despertar no estudante o desejo de aprender, pois, infelizmente, nem sempre o que se deseja é o que se tem acesso.

Para alcançar a aprendizagem, é imprescindível que os estudantes percorram caminhos planejados, necessitando, por vezes, de estímulos para que suas vontades e desejos possam acontecer. O trabalho interdisciplinar com centralidade na psicopedagogia, nesse contexto, configura a união das áreas competentes para apoiar os estudantes nos aspectos pedagógicos e emocionais, também nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, abrangendo equipe diretiva da instituição educacional.

A equipe de profissionais afirma a importância de se estabelecer uma relação de ajuda mútua com todos os envolvidos no processo de construção do aprender. Essa ajuda foi teoricamente interpretada por meio de valores de possessão e independência, ficando caracterizada a ação da equipe do sentido de ajuda mútua.

Com relação às dificuldades de intervenção com este público e quais os principais desafios, muitos relatos apontam situações do não envolvimento acadêmico por parte dos estudantes, concluindo-se a importância de se desenvolver, enquanto equipe, ações e estratégias que possibilitem a aproximação dos acadêmicos com os objetos de aprendizagem.

O trabalho em equipe é muito importante, quando se trata de ações em meio educacional, acrescido da importância das devolutivas aos estudantes em acompanhamento, garantindo ciência dos benefícios do apoio recebido. Importante ressaltar que essa devolutiva não se restringe somente aos estudantes em atendimento, mas alcança professores e coordenadores.

O aporte teórico para a prática interdisciplinar é imprescindível, principalmente ao se combater a evasão, em que vários fatores que contribuem para esse fenômeno tais como: imaturidade, escolha errada do curso, despreparo para

enfrentar as dificuldades, reprovação, causas familiares, financeiras e motivacionais, também apontam a relação professor e estudante. Ainda existe a necessidade de compreensão no meio acadêmico para atender a essa demanda, sobre a qual exige conhecimento.

Os sujeitos participantes da equipe interdisciplinar dessa instituição declararam satisfação e gratificação por ocuparem esse lugar nessa modalidade de ensino. Dessa forma, a partir dos resultados da pesquisa realizada, sugere-se mais divulgação entre os professores e estudantes da UFSM sobre o trabalho realizado pela equipe do Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação, orientando como e quando os estudantes devem ser direcionados para esse serviço.

Também, devido à grande procura pelos serviços prestados à comunidade acadêmica, percebe-se a necessidade de melhorias de espaço físico e, ainda, a necessidade de profissionais de outras áreas a fim de contribuir com o trabalho da equipe.

O estudo identifica, nas respostas dos sujeitos participantes, que o trabalho todo é realizado por uma equipe que conversa, que busca dialogar, pautado na dinâmica do trabalho em equipe, e que existe engajamento dos profissionais atuantes nesse setor. Cabe salientar, ainda, que os profissionais participantes da pesquisa demonstraram perceber que são reconhecidos pelo seu trabalho e exercem papel importante para o sucesso escolar dos estudantes atendidos pelo núcleo. Percebendo essas questões, ressalta-se a importância da formação continuada da equipe, tendo em vista que ensinar enseja saber e, para isso, é preciso aprender constantemente, num movimento incessante de busca e questionamentos.

Ao refletir sobre as diversas barreiras e dificuldades encontradas pelos estudantes ao ingressarem no Ensino Superior, é confortante saber que um trabalho em equipe e qualificado realizado pelo Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação contribui para o aprendizado dos acadêmicos. Dessa forma, a efetividade das ações propostas pelo setor alcança estudantes, professores e coordenadores, e para isso, as parcerias com os diversos setores da UFSM são fundamentais.

Diante das mudanças educacionais e da necessidade em qualificar a formação profissional, torna-se essencial mais estudos com enfoque no Ensino Superior, tendo em vista os programas governamentais de expansão do Ensino Superior e a chegada de estudantes com diversas deficiências ou dificuldades de

aprendizagem nesse nível de ensino. A universidade precisa estar preparada para atender esses acadêmicos, garantindo os subsídios para o acesso ao ensino, à pesquisa e à extensão na instituição.

O questionamento a respeito do nível de aprendizado dos estudantes atendidos pelo setor ao findarem suas sessões de apoio possibilitou perceber que a Universidade Federal de Santa Maria caminha no rumo certo quando o assunto é inclusão por oferecer apoio aos estudantes com e sem deficiência por meio do Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação em parceria com o Núcleo de Acessibilidade, por compreender que o aprender é um desafio para todos os estudantes, assim, os estudantes ao reconhecerem suas potencialidades e as suas dificuldades terão melhores condições de enfrentar o universo acadêmico.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **Código de Ética e Estatuto**. São Paulo: 1996.

BARBOSA, L. M. S. Caixa de trabalho: uma ação psicopedagógica proposta pela epistemologia convergente. In: BARBOSA, L. M. S. **Psicopedagogia e aprendizagem**. Coletânea de reflexões. Curitiba: Ibpex, 2002.

BARBOSA, L. M. S. **Psicopedagogia**: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação. 2. ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: 70. ed. 2009.

BEAUCLAIR, J. **Para entender psicopedagogia**: perspectivas atuais, desafios futuros. Rio de Janeiro: WAK, 2006.

BION, W. **Experiências com grupos**. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

BOSSA, N. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 20 dez.1996. Disponível em: <http://www.bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf>. Acesso em: 03 junho 2015.

BRASIL. **Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência** Regulamenta a Lei no 3.298, de 20 de dezembro de 1999, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez.1999. Disponível em: <<http://www.acessibilidade.org.br/Lei%20Acessibilidade10098>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

BRASIL. **Projeto de Lei 7.699/2006**. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_93.pdf>. Acesso em: 23 maio 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducoespecial.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

BRASIL. Ministério da saúde. Conselho nacional de saúde. **Comissão nacional de ética em pesquisa**. RESOLUÇÃO Nº196/96 versão 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_ver_sao_final_196_ENCEP2012.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação.** 2014. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/plano-nacional-educacao-762389.shtml>>. Acesso em: 03 fev.2015.

BRASIL. Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Brasília, DF: 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.html>. Acesso em: 08 nov. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sisu - Sistema de Seleção Unificada.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16185&Itemid=1101>. Acesso em: 20 abr. 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Acessibilidade pedagógica.** 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 04 mar. 2016.

BRASIL. Decreto nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Acesso em: 04 mar. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Documento Orientador Programa Incluir - Acessibilidade na Educação Superior Secadi/Sesu-2013.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13292-doc-ori-progincl&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 04 mar. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Censo 2009 da Educação Superior Brasileira - Resumo Técnico.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/superior-censo>>. Acesso em: 04 mar. 2016.

CAVALCANTE, R. **O sofrimento psico-bio-social do docente brasileiro.** Joinville, SC: Clube dos Autores, 2015.

CORREIA, L. M. Educação Especial em Portugal. **Revista de Educação Especial e Reabilitação.** 1990, n. 4, p. 60-5.

CORREIA, L. M. Alunos com necessidades educativas especiais. In: CORREIA, Luiz de Miranda. (Ed.). **Inclusão e necessidades educativas especiais: Um guia para educadores e professores.** 2. ed. Porto (PT): Porto editora, 2008.

CORREIA, L. M. A Escola para todos e a Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Significativas. In: COSTAS, F.A.T. **Educação, Educação Especial e Inclusão: Fundamentos e Contextos e Práticas.** Curitiba: Appris, Prismas, 2012.

COSTAS, E. C. Inclusão. **Revista Educação Especial.** Ministério da Educação Especial, ano III, nº 4, p.16-21, jun.2007.

CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem: Fundamentos**. Porto/Portugal: Porto Editora, LDA, 1999.

DELLAROSA, A. **Grupos de reflexion**. Buenos Aires: Paidós, 1979.

DROUET, R. C. R. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2003.

FENEIS. **Código de Ética do intérprete da Língua de Sinais**. Disponível em: <http://www.feneis.com.br/p_interpretes.html>. Acesso em: 02 fev.2016.

FERNANDEZ, A. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONTES, M. A. **Psicopedagogia e sociedade: história, concepções e contribuições**. São Paulo: Vetor, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler: Em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M. SCOZ. Sobre o conceito de interdisciplinaridade - algumas pistas. **Jornal Psicopedagogia**. Goiânia: ABPP 1996; nº 9, Ano II: p. 4.

GASPARIAN, M.C.C. **Psicopedagogia institucional sistêmica: contribuições do modelo relacional**. São Paulo: Lemos, 1997.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLAT, R; FERNANDES, E. M. Da educação segregada à educação inclusiva: uma reflexão sobre os paradigmas atuais no contexto da educação especial brasileira. **Inclusão: Revista da Educação Especial**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Especial, Out/2005. p. 35-9.

GOLBERT, C. S. Considerações sobre as atividades dos profissionais em psicopedagogia na região de Porto Alegre. **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, ano 4, n.8, p.13, ago. 1985.

GOMES, C. C; PAVÃO, S. M. O. **Avaliação psicopedagógica da aprendizagem: psicologia/ psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

GOMES, M. A. **Estudantes universitários com dificuldades de aprendizagem: como motivá-los?**. 2012. 130p. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GRASSI, T. M. **Psicopedagogia: um olhar uma escuta**. Curitiba: Ibpex, 2009.

GEWANDSZNAJDER, F. A. M; A. J. **O método nas ciências naturais e sociais, pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

JANUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: Autores Associados, 2004.

KIRK, S. **Educating exepntional Children**. Boston: Houghton Mifflin, 1962.

KUPFER, M. C. C. **Problemas de aprendizagem ou estilos cognitivos? Um ponto de vista da Psicanálise**. RUBINSTAIN, E. (Org.). *Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PAVÃO, S. M. O. (Org.). **Normatização e atuação do tradutor/ intérprete de libras (TILS) na UFSM**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Núcleo de Acessibilidade, Ânima, 2015.

LERNER, J.W. **Learning disabilities: theories, diagnosis and teaching strategies**. New Jersey: HoughtonMifflinCompany Boston, 1988.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Resolução N. 011/07** Institui, na Universidade Federal de Santa Maria, o Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social e revoga a Resolução n. 009/07.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NEVES, M. A. M. **Psicopedagogia: um só termo e muitas significações**. Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, São Paulo, v. 10, n. 21, 1991.

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. N. **Psicologia da aprendizagem: processos teorias e contextos**. Brasília: Liber, 2008.

PACHECO, R. V; COSTAS, F. A. T. Processo de inclusão de acadêmicos com necessidades educacionais especiais na Universidade federal de Santa Maria. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n. 27p. 151-167, 2006. Disponível em:<<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial>>. Acesso em: 30 jun. 2015

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PICHON-RIVIÉRE, E. **El proceso grupal Del psicoanálisis a La psicologia social**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1977.

POZOBON, L. L. (Org.) et al. **Apoio Estudantil**: reflexões sobre o ingresso e permanência no ensino superior. Santa Maria: UFSM, 2008.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, M. L. Caminhos da transdisciplinaridade: fugindo às injunções lineares. **Revista Serviço Social e Sociedade**. Modernidade: sombras e lutas. São Paulo: Cortez, nº 64, 2000. p. 124-134.

ROSS, A. O. **Aspectos psicológicos dos distúrbios da aprendizagem e dificuldades na leitura**. Trad. do original em inglês por Alexandra Tares, São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979.

RUBINSTEIN, E. R. A intervenção psicopedagógica clínica. In: SCOZ, B.J. L. et al. (Org.). **Psicopedagogia**: contextualização, formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 103-11.

SCOZ, B. J. L. A psicopedagogia na visão multidisciplinar, interdisciplinar. **Revista Psicopedagogia**, 15 (39) – 1996.p-12-9.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1975, 2000.

STAINBACK, S; STAINBACK, W. **Inclusão**: Um Guia para educadores. Artmed: Porto Alegre, 1999.

TARDIF, M; RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. Educação e Sociedade, Ano XXI, n. 73, dez. 2000.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca-Espanha: 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação- ÂNIMA**. Disponível em:<www.ufsm.br/anima>. Acesso em: 3 jun 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Relatório anual de ações educacionais**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Relatório anual de ações educacionais**. Núcleo de Acessibilidade. Núcleo de Apoio à Aprendizagem na Educação. Santa Maria, 2015.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ZIMERMAN, D. E; OSORIO, L. C. (Org.) **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Título do estudo: Práticas Psicopedagógicas com o Estudante da Educação Superior.

Pesquisador responsável: Amanda do Prado Ferreira Cezar
Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Educação.
Telefone para contato: 55-
Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria

Eu Amanda do Prado Ferreira Cezar, responsável pela pesquisa Práticas Psicopedagógicas com o Estudante da Educação Superior, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende conhecer o impacto e as contribuições da intervenção de uma equipe psicopedagógica interdisciplinar na universidade, visando ampliar o conhecimento acerca da Educação Especial no contexto do Ensino Superior.

Acreditamos que ela seja importante porque é necessário refletir sobre a Educação Especial como modalidade de ensino no contexto da Universidade, considerando o processo de inclusão do público alvo da Educação Especial ou não. Entende-se que esse projeto dará visibilidade às contribuições da atuação de uma equipe psicopedagógica interdisciplinar para o desenvolvimento da aprendizagem de estudantes universitários com e sem deficiência ou dificuldades de aprendizagem

Para sua realização será feito o seguinte: A pesquisa será realizada com a equipe do Núcleo de Aprendizagem da Universidade Federal de Santa Maria. O primeiro momento constitui em observações do setor em que atuam os profissionais da equipe e análise nos documentos do setor, logo será realizada uma entrevista sobre as particularidades de cada profissão e questões relativas à aprendizagem e saúde dos estudantes atendidos pelo Núcleo afim de obter dados para elaborar a dissertação do mestrado. Sua participação constará de aceitar que a pesquisadora faça as observações do setor de atendimento e responder a entrevista.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou **riscos**: se sentir desconfortável durante a observação no setor e durante a entrevista, decorrente de alguma pergunta que possa ser compreendida como uma violação a ética das

peças atendidas pelo profissional, o que será esclarecido dirimindo possíveis dúvidas. Ainda quanto a observação do setor de atendimento: em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, se necessário o participante terá um acompanhamento e assistência prestada pela pesquisadora que se dará por meio de esclarecimento de qualquer dúvida referente à pesquisa, explicação de termos e conceitos utilizados na pesquisa, indicação de leituras para complementar a prática, e também poderá orientar, caso necessário, a busca de outros acompanhamentos pertinentes. Garante-se também, se solicitado, um acompanhamento ao término da pesquisa, mostrando os resultados e contribuindo com a efetivação de possíveis mudanças. As entrevistas não serão gravadas em áudio, também não serão utilizadas imagens do setor ou mesmo do participante.

Os **benefícios** que esperamos com esse estudo são: ao aceitar participar do estudo, estará contribuindo com os conhecimentos acerca da temática apresentada no que tange a importância da atuação de uma equipe interdisciplinar no contexto universitário, bem como favorecendo práticas assertivas de atenção aos estudantes que necessitam de atendimento pela equipe interdisciplinar.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada inicialmente pela própria pesquisadora, que esclarecerá qualquer tipo de dúvida referente a sua participação, e também poderá orientar, caso necessário, a busca de orientação específica no que tange a situação que tenha originado o problema. Tais como orientação e atendimento psicológico.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, [nome completo do voluntário], após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local,

ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Termo de confidencialidade

Título do projeto: Práticas psicopedagógicas com o Estudante da Educação Superior.

Pesquisador responsável: Sílvia Maria de Oliveira Pavão

Instituição/Departamento: Fundamento da Educação/CE.

Telefone: (55)

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes desta pesquisa, cujos dados serão coletados por meio de observação e entrevista. Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para execução do presente projeto.

As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na UFSM - Avenida Roraima, 1000, prédio x, sala 000 - 97105-900 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Sílvia Maria de Oliveira Pavão. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em/...../....., e recebeu o número Caae

Santa Maria, 12 de maio de 2015

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM: Av. Roraima, 1000 - 97105-900 - Santa Maria - RS - 2º andar do prédio da Reitoria. Telefone: (55) 3220-9362 - E-mail: cep.ufsm@gmail.com.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO PROFISSIONAL DA PSICOPEDAGOGIA

- O que é psicopedagogia e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira?
- No Setor de atendimento, como é a atuação desse profissional?
- Qual deve ser a relação entre psicopedagogia e a universidade?
- Em sua opinião, a universidade aceita a intervenção de um psicopedagogo?
- Quais são as principais dificuldades encontradas em relação à intervenção com estudantes da Educação Superior?
- Qual é o principal desafio da psicopedagogia hoje?
- Qual a importância do trabalho em equipe?
- Como são feitas as devolutivas?
- Os estudantes atendidos no núcleo em sua maioria são encaminhados por professores ou procuram por conta própria?
- Como o trabalho interdisciplinar encontra alternativa de ações para promover o desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos?
- Quais são as estratégias utilizadas para que o estudante não abandone o tratamento?
- Em sua opinião, quais são as principais causas da evasão no Ensino Superior?
- No seu ponto de vista, a universidade proporciona a acessibilidade pedagógica?
- Em sua opinião os professores estão preparados para atender o público da educação especial ou com alguma dificuldade de aprendizagem?
- Você considera que os estudantes atendidos pelo núcleo saem com um nível de aprendizado satisfatório?
- Como você se sente como membro da Equipe que trabalha com Práticas Psicopedagógicas com os alunos com dificuldades de aprendizagens, deficientes ou não?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO PROFISSIONAL DA FONOAUDIOLOGIA

- Qual a função desempenhada pela fonoaudiologia?
- No Setor de atendimento, como é a atuação desse profissional?
- Qual deve ser a relação entre fonoaudiologia e a universidade?
- Em sua opinião, a universidade aceita a intervenção de um fonoaudiólogo?
- Quais são as principais dificuldades encontradas em relação à intervenção com estudantes da Educação Superior?
- Qual é o principal desafio da fonoaudiologia hoje?
- Qual a importância do trabalho em equipe?
- Como são feitas as devolutivas?
- Os estudantes atendidos no núcleo em sua maioria são encaminhados por professores ou procuram por conta própria?
- Como o trabalho interdisciplinar encontra alternativa de ações para promover o desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos?
- Quais são as estratégias utilizadas para que o estudante não abandone o tratamento?
- Em sua opinião, quais são as principais causas da evasão no Ensino Superior?
- No seu ponto de vista, a universidade proporciona a acessibilidade pedagógica?
- Em sua opinião os professores estão preparados para atender o público da educação especial ou com alguma dificuldade de aprendizagem?
- Você considera que os estudantes atendidos pelo núcleo saem com um nível de aprendizado satisfatório?
- Como você se sente como membro da Equipe que trabalha com Práticas Psicopedagógicas com os alunos com dificuldades de aprendizagens, deficientes ou não?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

- O que é educação especial e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira?
- No Setor de atendimento como é a atuação desse profissional?
- Qual deve ser a relação entre educação especial e a universidade?
- Em sua opinião, a universidade aceita a intervenção de um educador especial?
- Quais são as principais dificuldades encontradas em relação à intervenção com estudantes da Educação Superior?
- Qual é o principal desafio da educação especial hoje?
- Qual a importância do trabalho em equipe?
- Como são feitas as devolutivas?
- Os estudantes atendidos no núcleo em sua maioria são encaminhados por professores ou procuram por conta própria?
- Como o trabalho interdisciplinar encontra alternativa de ações para promover o desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos?
- Quais são as estratégias utilizadas para que o estudante não abandone o tratamento?
- Em sua opinião, quais são as principais causas da evasão no Ensino Superior?
- No seu ponto de vista, a universidade proporciona a acessibilidade pedagógica?
- Em sua opinião os professores estão preparados para atender o público da educação especial ou com alguma dificuldade de aprendizagem?
- Você considera que os estudantes atendidos pelo núcleo saem com um nível de aprendizado satisfatório?

- Como você se sente como membro da Equipe que trabalha com Práticas Psicopedagógicas com os alunos com dificuldades de aprendizagens, deficientes ou não?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA

- O que é psicologia e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira?
- No Setor de atendimento, como é a atuação desse profissional?
- Qual deve ser a relação entre psicologia e a universidade?
- Em sua opinião, a universidade aceita a intervenção de um psicólogo?
- Quais são as principais dificuldades encontradas em relação à intervenção com estudantes da Educação Superior?
- Qual é o principal desafio da psicologia hoje?
- Qual a importância do trabalho em equipe?
- Como são feitas as devolutivas?
- Os estudantes atendidos no núcleo em sua maioria são encaminhados por professores ou procuram por conta própria?
- Como o trabalho interdisciplinar encontra alternativa de ações para promover o desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos?
- Quais são as estratégias utilizadas para que o estudante não abandone o tratamento?
- Em sua opinião, quais são as principais causas da evasão no ensino superior?
- No seu ponto de vista, a universidade proporciona a acessibilidade pedagógica?
- Em sua opinião os professores estão preparados para atender o público da educação especial ou com alguma dificuldade de aprendizagem?
- Você considera que os estudantes atendidos pelo núcleo saem com um nível de aprendizado satisfatório?
- Como você se sente como membro da Equipe que trabalha com Práticas Psicopedagógicas com os alunos com dificuldades de aprendizagens, deficientes ou não?

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO PROFISSIONAL DA PEDAGOGIA

- O que é pedagogia e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira?
 - No Setor de atendimento, como é a atuação desse profissional?
 - Qual deve ser a relação entre a pedagogia e a universidade?
 - Em sua opinião, a universidade aceita a intervenção de um pedagogo?
 - Quais são as principais dificuldades encontradas em relação a intervenção com estudantes da Educação Superior?
 - Qual é o principal desafio da pedagogia hoje?
 - Qual a importância do trabalho em equipe?
 - Como são feitas as devolutivas?
 - Os estudantes atendidos no núcleo em sua maioria são encaminhados por professores ou procuram por conta própria?
 - Como o trabalho interdisciplinar encontra alternativa de ações para promover o desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos?
 - Quais são as estratégias utilizadas para que o estudante não abandone o tratamento?
 - Em sua opinião, quais são as principais causas da evasão no Ensino Superior?
 - No seu ponto de vista, a universidade proporciona a acessibilidade pedagógica?
 - Em sua opinião os professores estão preparados para atender o público da educação especial ou com alguma dificuldade de aprendizagem?
 - Você considera que os estudantes atendidos pelo núcleo saem com um nível de aprendizado satisfatório?
-
- Como você se sente como membro da Equipe que trabalha com Práticas Psicopedagógicas com os alunos com dificuldades de aprendizagens, deficientes ou não?

APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AO PROFISSIONAL DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

- O que é TILS e qual a função desempenhada por quem segue essa carreira?
- Na universidade, como é a atuação desse profissional?
- Qual deve ser a relação entre o profissional TILS e a universidade?
- Em sua opinião, a universidade aceita esse profissional?
- Quais são as principais dificuldades encontradas em relação à tradução e interpretação com estudantes da Educação Superior?
- Qual é o principal desafio do tradutor\intérprete hoje?
- Qual a importância do trabalho em equipe?
- Os estudantes Surdos que procuram apoio no núcleo em sua maioria, são encaminhados por professores ou procuram por conta própria?
- Como o trabalho interdisciplinar encontra alternativa de ações para promover o desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos?
- Quais são as estratégias utilizadas para que o estudante não abandone o acompanhamento?
- Em sua opinião, quais são as principais causas da evasão no Ensino Superior?
- No seu ponto de vista, a universidade proporciona a acessibilidade pedagógica?
- Em sua opinião os professores estão preparados para atender o público da educação especial ou com alguma dificuldade de aprendizagem?
- Você considera que os estudantes atendidos pelo núcleo saem com um nível de aprendizado satisfatório?
- Como você se sente enquanto membro da equipe do núcleo de acessibilidade?